

## Exercícios com Gabarito de Português Advérbio, Conjunção e Preposição

### 1) (UFAC-1997) O PRIMO

Primeira noite ele conheceu que Santina não era moça. Casado por amor, Bento se desesperou. Matar a noiva, suicidar-se, e deixar o outro sem castigo? Ela revelou que, havia dois anos, o primo Euzébio lhe fizera mal, por mais que se defendesse. De vergonha, prometeu a Nossa Senhora ficar solteira. O próprio Bento não a deixava mentir, testemunha de sua aflição antes do casamento. Santina pediu perdão, ele respondeu que era tarde - noiva de grinalda sem ter direito.

(Cemitério de elefantes. Apud CARNEIRO, Agostinho Dias)

"...o primo Euzébio lhe fizera mal..." Nessa frase, a palavra mal está escrita com "l". Há, porém, situações em que ela também pode ser escrita com "u". Observe as frases abaixo e, em seguida, assinale a alternativa cuja seqüência preencha adequadamente os espaços em branco.

- Para Santina, Euzébio foi um homem\_\_\_\_\_.
- Segundo o narrador, Bento fez um \_\_\_\_\_ casamento.
- Bento recebeu muito\_\_\_\_\_ a revelação de Santina.  
\_\_\_\_\_ ouviu a revelação de Santina, Bento decidiu separar-se.

- a) mau / mal / mal / Mau
- b) mau / mal / mau / Mal
- c) mal / mau / mal / Mau
- d) mal / mal / mau / Mau
- e) mau / mau / mal / Mal

### 2) (Fuvest-1998) "É preciso agir, e rápido", disse ontem o ex-presidente nacional do partido.

A frase em que a palavra sublinhada NÃO exerce função idêntica à de rápido é:

- a) Como estava exaltado, o homem gesticulava e falava alto.
- b) Mademoiselle ergueu súbito a cabeça, voltou-a pro lado, esperando, olhos baixos.
- c) Estavam acostumados a falar baixo.
- d) Conversamos por alguns minutos, mas tão abafado que nem as paredes ouviram.
- e) Sim, havíamos de ter um oratório bonito, alto, de jacarandá.

### 3) (UECE-2006) "Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema. Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado. Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

Um dia, ao pino do sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite.

.....  
Rumor suspeito quebra a harmonia da sesta. Ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra; sua vista perturba-se. Diante dela, e todo a contemplá-la, está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar, nos olhos o azul triste das águas profundas. Ignotas armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo. Foi rápido como o olhar o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido.

De primeiro ímpeto, a mão lesta caiu sobre a cruz da espada; mas logo sorriu. O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é símbolo de ternura e amor. Sofreu mais da alma que da ferida.

O sentimento que ele pôs nos olhos e no rosto, não sei eu. Porém a virgem lançou de si o arco e a uirapaba e correu para o guerreiro, sentida da mágoa que causara. A mão, que rápida ferira, estancou mais rápida e compassiva o sangue que gotejava. Depois Iracema quebrou a flecha homicida; deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada.

O guerreiro falou:

- Quebras comigo a flecha da paz?
- Quem te ensinou, guerreiro branco, a linguagem de meus irmãos? Donde vieste a estas matas que nunca viram outro guerreiro como tu?
- Venho de longe, filha das florestas. Venho das terras que teus irmãos já possuíram, e hoje têm os meus.
- Bem-vindo seja o estrangeiro aos campos dos tabajaras, senhores das aldeias, e à cabana de Araquém, pai de Iracema."

(José de Alencar, do romance Iracema)

"O pé grácil e nu, MAL roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra" (linhas 10 a 12). Em que alternativa a palavra "MAL" foi empregada no mesmo sentido da frase do texto

- a) Mal Iracema viu o guerreiro, disparou a flecha contra ele
- b) Ao ver o guerreiro ferido, sorrindo para ela, a índia percebeu que agira mal
- c) O guerreiro, apesar de falar mal o idioma da índia, conseguiu comunicar-se
- d) O guerreiro ferido pela flecha, mal podia caminhar.

4) (Mack-2005) <sup>01</sup> Aurélia pousara a mão no ombro do marido (...), colocou-se <sup>02</sup> diante de seu cavalheiro e entregou-lhe a cintura mimosa. <sup>03</sup> Era a primeira vez, e já tinham mais de seis meses de casados; era <sup>04</sup> a primeira vez que o braço de Seixas enlaçava a cintura de Aurélia. Explica- <sup>05</sup> se pois o estremecimento que ambos sofreram ao mútuo contacto (...). <sup>06</sup> As senhoras não gostam da valsa, senão pelo prazer de <sup>07</sup> sentirem-se arrebatadas no turbilhão.(...) Mas é justamente aí que o <sup>08</sup> está perigo. Esse enlevo inocente da dança entrega a mulher <sup>09</sup> palpitante, inebriada, às tentações do cavalheiro, delicado embora, <sup>10</sup> mas homem, que ela sem querer está provocando com o casto requebro <sup>11</sup> de seu talhe e traspassando com as tépidas emanações de seu corpo.

**José de Alencar**

Assinale a alternativa correta.

- No primeiro parágrafo, entregou é forma verbal que expressa ação realizada no passado antes de outra ocorrida também no passado.
- O advérbio já (linha 03) está empregado com o mesmo sentido de “ainda”.
- As expressões de Seixas (linha 04), de Aurélia (linha 04) e da valsa (linha 06) exercem a mesma função sintática: objeto indireto.
- Substituindo senão (linha 06) por “unicamente”, o sentido original não é prejudicado.
- O emprego de justamente (linha 07) revela o desejo de precisão na indicação feita.

5) (FGV-2004) 1. Era no tempo que ainda os portugueses não  
 2. haviam sido por uma tempestade empurrados para  
 3. a terra de Santa Cruz. Esta pequena ilha abundava  
 4. de belas aves e em derredor pescava-se excelente  
 5. peixe. Uma jovem tamoia, cujo rosto moreno parecia  
 6. tostado pelo fogo em que ardia-lhe o coração,  
 7. uma jovem tamoia linda e sensível, tinha por habitação  
 8. esta rude gruta, onde ainda então não se via  
 9. a fonte que hoje vemos. Ora, ela, que até os quinze  
 10. anos era inocente como a flor, e por isso alegre  
 11. e folgazona como uma cabritinha nova, começou a  
 12. fazer-se tímida e depois triste, como o gemido da  
 13. rola; a causa disto estava no agradável parecer de

14. um mancebo da sua tribo, que diariamente vinha  
 15. caçar ou pescar à ilha, e vinte vezes já o havia  
 feito  
 16. sem que de uma só desse fé dos olhares ardentes  
 17. que lhe dardejava a moça. O nome dele era  
 Aoitin;  
 18. o nome dela era Ahy.  
 19. A pobre Ahy, que sempre o seguia, ora lhe  
 apanhava  
 20. as aves que ele matava, ora lhe buscava as flechas  
 21. disparadas, e nunca um só sinal de  
 reconhecimento  
 22. obtinha; quando no fim de seus trabalhos,  
 23. Aoitin ia adormecer na gruta, ela entrava de  
 manso  
 24. e com um ramo de palmeira procurava, movendo  
 o  
 25. ar, refrescar a fronte do guerreiro adormecido.  
 Mas  
 26. tantos extremos eram tão mal pagos que Ahy, de  
 27. cansada, procurou fugir do insensível moço e  
 fazer  
 28. por esquecê-lo; porém, como era de esperar, nem  
 29. fugiu-lhe e nem o esqueceu.  
 30. Desde então tomou outro partido: chorou. Ou  
 31. porque a sua dor era tão grande que lhe podia  
 32. exprimir o amor em lágrimas desde o coração até  
 33. os olhos, ou porque, selvagem mesmo, ela já tinha  
 34. compreendido que a grande arma da mulher está  
 35. no pranto, Ahy chorou.

MACEDO, Joaquim Manuel de. A Moreninha. São Paulo: Ática, 1997, p. 62-63.

Que circunstância indica, no texto, a expressão **de cansada** (L. 27)? Como o texto justifica essa circunstância?

6) (Unicamp-2001) A breve tira abaixo fornece um bom exemplo de como o contexto pode afetar a interpretação e até mesmo a análise gramatical de uma seqüência lingüística.

**RADICAL CHIC/Miguel Paiva**



Fonte: O Estado de S. Paulo, 24/09/2000.

- Supondo que a fala da moça fosse lida fora do contexto dessa tira, como você a entenderia?
- Se a fala da moça fosse considerada uma continuação da fala do rapaz, poderia ser entendida como uma única palavra, de derivação não prevista na língua portuguesa. Que palavra seria e o que significaria?
- As duas leituras possíveis para a fala da moça não estão em contradição; ao contrário, reforçam-se. O que significará essa fala, se fizermos simultaneamente as duas leituras?

#### 7) (ITA-2003) A questão a seguir refere-se ao texto abaixo.

(...)

As angústias dos brasileiros em relação ao português são de duas ordens. Para uma parte da população, a que não teve acesso a uma boa escola e, mesmo assim, conseguiu galgar posições, o problema é sobretudo com a gramática. É esse o público que consome avidamente os fascículos e livros do professor Pasquale, em que as regras básicas do idioma são apresentadas de forma clara e bem-humorada. Para o segmento que teve oportunidade de estudar em bons colégios, a principal dificuldade é com clareza. É para satisfazer a essa demanda que um novo tipo de profissional surgiu: o professor de português especializado em adestrar funcionários de empresas. Antigamente, os cursos dados no escritório eram de gramática básica e se destinavam principalmente a secretárias. De uns tempos para cá, eles passaram a atender primordialmente gente de nível superior. Em geral, os professores que atuam em firmas são acadêmicos que fazem esse tipo de trabalho esporadicamente para ganhar um dinheiro extra. “É fascinante, porque deixamos de viver a teoria para enfrentar a língua do mundo real”, diz Antônio Suárez Abreu, livre-docente pela Universidade de São Paulo (...)

(JOÃO GABRIEL DE LIMA. Falar e escrever, eis a questão. Veja, 7/11/2001, n. 1725)

O adjetivo “principal” (em *a principal dificuldade é com clareza*) permite inferir que a clareza é apenas um elemento dentro de um conjunto de dificuldades, talvez o mais significativo. Semelhante inferência pode ser realizada pelos advérbios:

- avidamente, principalmente, primordialmente.
- sobretudo, avidamente, principalmente.
- avidamente, antigamente, principalmente.
- sobretudo, principalmente, primordialmente.
- principalmente, primordialmente, esporadicamente.

#### 8) (VUNESP-2007) A velha contrabandista

Diz que era uma velhinha que sabia andar de lambreta. Todo dia ela passava pela fronteira montada na lambreta, com um bruto saco atrás da lambreta. O pessoal da Alfândega – tudo malandro velho – começou a desconfiar da velhinha.

Um dia, quando ela vinha na lambreta com o saco atrás, o fiscal da Alfândega mandou ela parar. A velhinha parou e então o fiscal perguntou assim pra ela:

– Escuta aqui, vovozinha, a senhora passa por aqui todo dia, com esse saco aí atrás. Que diabo a senhora leva nesse saco?

A velhinha sorriu com os poucos dentes que lhe restavam e mais os outros, que ela adquirira no odontólogo, e respondeu:

– É areia!

Aí quem riu foi o fiscal. Achou que não era areia nenhuma e mandou a velhinha saltar da lambreta para examinar o saco. A velhinha saltou, o fiscal esvaziou o saco e lá só tinha areia. Muito encabulado, ordenou à velhinha que fosse em frente. Ela montou na lambreta e foi embora, com o saco de areia atrás.

Mas o fiscal ficou desconfiado ainda. Talvez a velhinha passasse um dia com areia e no outro com muamba, dentro daquele maldito saco. No dia seguinte, quando ela passou na lambreta com o saco atrás, o fiscal mandou parar outra vez. Perguntou o que é que ela levava no saco e ela respondeu que era areia, uai!

O fiscal examinou e era mesmo. Durante um mês seguido o fiscal interceptou a velhinha e, todas as vezes, o que ela levava no saco era areia.

Diz que foi aí que o fiscal se chateou:

– Olha, vovozinha, eu sou fiscal de alfândega com 40 anos de serviço. Manjo essa coisa de contrabando pra burro. Ninguém me tira da cabeça que a senhora é contrabandista.

– Mas no saco só tem areia! – insistiu a velhinha. E já ia tocar a lambreta, quando o fiscal propôs:

– Eu prometo à senhora que deixo a senhora passar. Não dou parte, não apreendo, não conto nada a ninguém, mas a senhora vai me dizer: qual é o contrabando que a senhora está passando por aqui todos os dias?

– O senhor promete que não “espáia”? – quis saber a velhinha.

– Juro – respondeu o fiscal.

– É lambreta.

(Primo Altamirando e Elas.)

Muito próxima do texto oral, a crônica é um gênero que aproveita alguns recursos típicos da fala, como a repetição, para estabelecer a coesão textual. No primeiro parágrafo, por exemplo, a palavra “velhinha” repete-se duas vezes; “lambreta”, três vezes. Pensando ainda nos modos de relacionar as palavras, na frase, especifique outra forma de manter a coesão, empregada também no primeiro parágrafo do texto.

Em seguida, explique a diferença de função entre o termo “aí”, ocorrente no terceiro parágrafo, e o mesmo vocábulo, no sexto parágrafo.

#### 9) (Mack-2006) Capítulo 1

De como Itaguaí ganhou uma casa de Orates

As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas. Estudara em Coimbra e Pádua. Aos trinta e quatro anos regressou ao Brasil, não podendo el-rei alcançar dele que ficasse em Coimbra, regendo a universidade, ou em Lisboa, expedindo os negócios da monarquia.

— A ciência, disse ele a Sua Majestade, é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo.

Dito isso, meteu-se em Itaguaí, e entregou-se de corpo e alma ao estudo da ciência [...]. Foi então que um dos recantos desta [da medicina] lhe chamou especialmente a atenção, — o recanto psíquico, o exame da patologia cerebral. Não havia na colônia, e ainda no reino, uma só autoridade em semelhante matéria, mal explorada ou quase inexplorada. Simão Bacamarte compreendeu que a ciência lusitana, e particularmente a brasileira, podia cobrir-se de “louros imarcescíveis”, — expressão usada por ele mesmo, mas em um arroubo de intimidade doméstica; exteriormente era modesto, segundo convém aos sabedores.

*Machado de Assis* — O alienista

*Obs.:* orate = indivíduo louco

imarcescível = que não murcha

Assinale a alternativa correta.

- O advérbio ainda (linha 08) equivale, no contexto, a “nem mesmo”.
- A forma verbal vivera (linha 01) denota ação verbal que ocorre simultaneamente à ação citada na oração principal do período.
- A oração não podendo el-rei alcançar dele (linha 03) expressa uma conseqüência.
- A conjunção ou (linha 04) foi empregada para expressar idéia de dúvida.

e) As expressões mal explorada e quase inexplorada (linhas 08 e 09) são tomadas como sinônimas.

10) (ITA-2000) Filme bom é filme antigo? Lógico que não, mas “A Múmia”, de 1932, põe a frase em xeque.

Sua refilmagem, com Brendan Fraser no elenco, ainda corre nos cinemas brasileiros, repleta de humor e efeitos visuais.

Na de Karl Freund, há a vantagem de Boris Karloff no papel-título, compondo uma múmia aterrorizadora, fiel ao terror dos anos 30.

Apesar de alguma precariedade, lança um clima de mistério que a versão 1999 não conseguiu, tal a ênfase dada à embalagem. Daí “nem sempre cinema bom são efeitos especiais” deveria ser a tal frase. (PSL)

A precária e misteriosa múmia de 32, *Folha de S. Paulo*, Caderno Ilustrada, 4/8/1999.)

Em: “**tal** a ênfase dada à embalagem” e “deveria ser **a tal** frase”, os termos em destaque nas duas frases podem ser substituídos, respectivamente, por:

- semelhante; aquela.
- tamanha; essa.
- tamanha; aquela.
- semelhante; essa.
- essa; aquela.

11) (Mack-2004) Há no Brasil grandíssimas matas de árvores agrestes, cedros, carvalhos, vinháticos, angelins e outras não conhecidas em Espanha, de madeiras fortíssimas para se poderem fazer delas fortíssimos galeões e, o que mais é, que da casca de algumas se tira a estopa para se calafetarem e fazerem cordas para enxárcia e amarras, do que tudo se aproveitam os que querem cá fazer navios, e se pudera aproveitar el-rei se cá os mandara fazer.

**Obs.:** enxárcia - conjunto de cabos e degraus roliços feitos de cabo (‘corda’), madeira ou ferro, que sustentam mastros de embarcações a vela

A passagem que comprova que o autor escreve sobre um espaço no qual ele se encontra inserido é:

- Há no Brasil grandíssimas matas de árvores agrestes, cedros ...
- outras não conhecidas em Espanha ...
- o que mais é ...
- os que querem cá fazer navios ...
- se pudera aproveitar el-rei ...

#### 12) (ITA-2005) Ilusão Universitária

<sup>1</sup> Houve um tempo em que, ao ser admitido numa faculdade de direito, um jovem via seu futuro praticamente assegurado, como advogado, juiz ou promotor público. A situação, como se sabe, é hoje

bastante diversa. Mudaram a universidade, o mercado de trabalho e os estudantes, muitos dos quais inadvertidamente compram a ilusão de que o diploma é condição necessária e suficiente para o sucesso profissional.

<sup>5</sup> A proliferação dos cursos universitários nos anos 90 e 2000 é a um só tempo sintoma e causa dessas mudanças. Um mercado de trabalho cada vez mais exigente passou a cobrar maior titulação dos jovens profissionais. Com isso, aumentou a oferta de cursos e caiu a qualidade.

O fenômeno da multiplicação das faculdades e do declínio da qualidade acadêmica foi especialmente intenso no campo do direito. Trata-se, afinal, de uma carreira de prestígio, cujo <sup>10</sup> ensino é barato. Não exige mais do que o professor, livros, uma lousa e o cilindro de giz. Existem hoje 762 cursos jurídicos no país. Em 1993, eles eram 183. A OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) acaba de divulgar a lista das faculdades recomendadas. Das 215 avaliadas, apenas 60 (28%) receberam o “nihil obstat”. A Ordem levou em conta conceitos do provão e os resultados do seu próprio exame de credenciamento de bacharéis.

<sup>15</sup> A verdade é que nenhum país do mundo é constituído apenas por advogados, médicos e engenheiros. Apenas uma elite chega a formar-se nesses cursos. No Brasil, contudo, criou-se a ilusão de que a faculdade abre todas as portas. Assim, alunos sem qualificação acadêmica para seguir essas carreiras pagam para obter diplomas que não lhes serão de grande valia. É mais sensato limitar os cursos e zelar por sua excelência, evitando paliativos como o exame da Ordem, <sup>20</sup> que é hoje absolutamente necessário para proteger o cidadão de advogados incompetentes - o que só confirma as graves deficiências do sistema educacional. (Folha de S. Paulo, 29/01/2004)

A universidade é só o começo

<sup>1</sup> Na última década, a universidade viveu uma espécie de milagre da multiplicação dos diplomas. O número de graduados cresceu de 225 mil no final dos anos 80 para 325 mil no levantamento mais recente do Ministério da Educação em 2000.

A entrada no mercado de trabalho desse contingente, porém, não vem sendo propriamente <sup>5</sup> triunfal como uma festa de formatura. Engenheiros e educadores, professores e administradores, escritores e sobretudo empresários têm sussurrado uma frase nos ouvidos dessas centenas de milhares de novos graduados: “O diploma está nu”. Passaporte tranqüilo para o emprego na década de 80, o certificado superior vem sendo exigido com cada vez mais vistos.

<sup>10</sup> Considerado um dos principais pensadores da educação no país, o economista Cláudio de Moura Castro sintetiza a relação atual do diploma com o mercado de trabalho em uma frase: “Ele é necessário, mas não suficiente”. O raciocínio é simples. Com o aumento do

número de graduados no mercado, quem não tem um certificado já começa em desvantagem.

Conselheiro-chefe de educação do Banco Interamericano de Desenvolvimento durante

<sup>15</sup> anos, ele compara o sem-diploma a alguém “em um mato sem cachorro no qual os outros usam armas automáticas e você um tacape”. Por outro lado, o economista-educador diz que ter um fuzil, seja lá qual for, não garante tanta vantagem assim nessa floresta. Para Robert Wong, o diagnóstico é semelhante. Só muda a metáfora. Principal executivo na América do Sul da Korn/Ferry International, maior empresa de recrutamento de altos executivos <sup>20</sup> do mundo, ele equipara a formação acadêmica com a potência do motor de um carro.

Equilibrados demais acessórios, igualado o preço, o motor pode desempatar a escolha do consumidor. “Tudo sendo igual, a escolaridade faz a diferença.”

Mas assim como Moura Castro, o head hunter defende a idéia de que um motor turbinado não abre automaticamente as portas do mercado. Wong conta que no mesmo dia da entrevista à

<sup>25</sup> Folha [Jornal Folha de S. Paulo] trabalhava na seleção de um executivo para uma multinacional na qual um dos principais candidatos não tinha experiência acadêmica. “É um self-made man.”

Brasileiro nascido na China, Wong observa que é em países como esses, chamados “em desenvolvimento”, que existem mais condições hoje para o sucesso de profissionais como esses, de perfil empreendedor. (...) (Cassiano Elek Machado. A universidade é só o começo. Folha de S. Paulo, 27/07/2002. Disponível na Internet: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse>. Data de acesso: 24/08/2004)

Assinale a opção que não traduz uma interpretação condizente com os valores dos advérbios terminados em mente.

- A admissão no curso de direito quase garantia uma carreira futura, como advogado, juiz ou promotor público. (Texto 1, linha 2)
- Muitos estudantes não estão advertidos quanto à ilusão de que o diploma é a chave do sucesso profissional. (Texto 1, linha 3)
- De todos os cursos superiores, os cursos de direito foram os que mais se multiplicaram nos últimos anos. (Texto 1, linha 8)
- Não há dúvida de que o exame da OAB deve ser mantido nos dias atuais. (Texto 1, linha 19)
- A entrada dos graduados no mercado de trabalho não pode ser considerada, nos últimos anos, uma grande vitória. (Texto 2, linha 4)

13) (ITA-2003) Leia o texto abaixo e assinale a alternativa correta:

Sonolento leitor, o jogo do Brasil já aconteceu. Como estou escrevendo ontem, não faço idéia do que ocorreu. Porém, tentei adivinhar a atuação dos jogadores. Cabe ao leitor avaliar minha avaliação e dar-me a nota final.

(TORERO, José Roberto. Folha de S. Paulo, 13/06/2002, A-1)

Com o uso do advérbio em “Como estou escrevendo ontem...”, autor

- marcou que a leitura do texto acontece simultaneamente ao processo de produção do texto.
- adequou esse elemento à forma verbal composta de auxiliar + gerúndio, para guiar a interpretação do leitor.
- não observou a regra gramatical que impede o uso do verbo no presente com aspecto durativo juntamente com um marcador de passado.
- sinalizou explicitamente que a produção e a leitura do texto acontecem em momentos distintos.
- lançou mão de um recurso que, embora gramaticalmente incorreto, coloca o leitor e o produtor do texto em dois momentos distintos: passado e presente, respectivamente.

14) (FGV-2003) Leia o texto abaixo, fragmento de um conto chamado “A nova Califórnia”, de Lima Barreto. Depois, responda à pergunta correspondente.

Ninguém sabia donde viera aquele homem. O agente do correio pudera apenas informar que acudia ao nome de Raimundo Flamel (.....). Quase diariamente, o carteiro lá ia a um dos extremos da cidade, onde morava o desconhecido, sopesando um maço alentado de cartas vindas do mundo inteiro, grossas revistas em línguas arrevesadas, livros, pacotes...

Quando Fabrício, o pedreiro, voltou de um serviço em casa do novo habitante, todos na venda perguntaram-lhe que trabalho lhe tinha sido determinado.

- Vou fazer um forno, disse o preto, na sala de jantar.

Imaginem o espanto da pequena cidade de Tubiacanga, ao saber de tão extravagante construção: um forno na sala de jantar! E, pelos dias seguintes, Fabrício pôde contar que vira balões de vidros, facas sem corte, copos como os da farmácia - um rol de coisas esquisitas a se mostrarem pelas mesas e prateleiras como utensílios de uma bateria de cozinha em que o próprio diabo cozinhasse.

Explique o uso que têm os advérbios **donde** (*‘Ninguém sabia donde viera aquele homem’*), **onde** e **aonde**, segundo a norma culta da língua portuguesa. Formule uma frase para cada um desses advérbios.

15) (FGV-2004) Leia o texto abaixo; depois, responda à pergunta.

#### TEXTO A

- É justa a alegria dos lexicólogos e dos editores
- quando, ao som dos tambores e das trombetas

- da publicidade, aparecem a anunciar-nos a entrada
- de uns quantos milhares de palavras novas nos seus dicionários. Com o andar do tempo, a língua foi perdendo e ganhando, tornou-se, em cada dia que passou, simultaneamente mais rica e mais pobre: as palavras velhas, cansadas, fora de uso, resistiram mal à agitação frenética das palavras recém-chegadas, e acabaram por cair numa espécie de limbo onde ficam à espera da morte definitiva ou, na melhor hipótese, do toque da varinha mágica de um erudito obsessivo ou de um curioso ocasional, que lhe darão (sic) ainda um lampejo breve de vida, um suplemento de precária existência, uma derradeira esperança. O dicionário, imagem ordenada do mundo, constrói-se
- e desenvolve-se sobre palavras que viveram
- uma vida plena, que depois envelheceram e definharam,
- primeiro geradas, depois geradoras,
- como o foram os homens e as mulheres que as fizeram e de que iriam ser, por sua vez, e ao mesmo tempo, senhores e servos.

SARAMAGO, José. Cadernos de Lanzarote II. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 303/304.

Transcreva o fragmento de texto "...por sua vez, e ao mesmo tempo, senhores e servos." (L. 22 e 23), substituindo a expressão sublinhada por um advérbio de mesmo sentido.

16) (UNICAMP-2006) Na sua coluna diária do Jornal Folha de S. Paulo de 17 de agosto de 2005, José Simão escreve: “No Brasil nem a esquerda é direita!”.

- Nessa afirmação, a polissemia da língua produz ironia. Em que palavras está ancorada essa ironia?
- Quais os sentidos de cada uma das palavras envolvidas na polissemia acima referida?
- Comparando a afirmação “No Brasil nem a esquerda é direita” com “No Brasil a esquerda não é direita”, qual a diferença de sentido estabelecida pela substituição de ‘nem’ por ‘não’?

17) (UECE-2002) O ÓDIO À DIFERENÇA

É milenar o hábito de estranhamento entre os homens. Indivíduos que por algum motivo destoam num grupo qualquer costumam provocar sentimentos de antipatia entre aqueles que se sentem iguais entre si - e superiores ao que lhes parece diferente. O racismo, baseado em preconceito, nasce daí. Povos mais escuros, mais pobres, menos cultos ou simplesmente de outra etnia sempre foram vítimas de desprezo irracional por parte de coletividades que se consideram superiores na comparação.

(VEJA. 26/9/2001)

O advérbio *simplesmente* sugere que, no tocante ao bom convívio entre as pessoas, *ser de outra etnia*, em comparação com *ser mais escuro, mais pobre, menos culto*, tem

- a) nenhuma importância
- b) igual importância
- c) muita importância
- d) menos importância

**18) (FGV-2005)** O primeiro passo para aprender a pensar, curiosamente, é aprender a observar. Só que isso, infelizmente, não é ensinado. Hoje nossos alunos são proibidos de observar o mundo, trancafiados que ficam numa sala de aula, estrategicamente colocada bem longe do dia-a-dia e da realidade. Nossas escolas nos obrigam a estudar mais os livros de antigamente do que a realidade que nos cerca. Observar, para muitos professores, significa ler o que os grandes intelectuais do passado observaram - gente como Rousseau, Platão ou Keynes. Só que esses grandes pensadores seriam os primeiros a dizer "esqueçam tudo o que escrevi", se estivessem vivos. Na época não existia internet nem computadores, o mundo era totalmente diferente. Eles ficariam chocados se soubessem que nossos alunos são impedidos de observar o mundo que os cerca e obrigados a ler teoria escrita 200 ou 2000 anos atrás - o que leva os jovens de hoje a se sentir alienados, confusos e sem respostas coerentes para explicar a realidade.

Não que eu seja contra livros, muito pelo contrário. Sou a favor de observar primeiro, ler depois. Os livros, se forem bons, confirmarão o que você já suspeitava. Ou porão tudo em ordem, de forma esclarecedora. Existem livros antigos maravilhosos, com fatos que não podem ser esquecidos, mas precisam ser dosados com o aprendizado da observação.

Ensinar a observar deveria ser a tarefa número 1 da educação. Quase metade das grandes descobertas científicas surgiu não da lógica, do raciocínio ou do uso de teoria, mas da simples observação, auxiliada talvez por novos instrumentos, como o telescópio, o microscópio, o tomógrafo, ou pelo uso de novos algoritmos matemáticos. Se você tem dificuldade de raciocínio, talvez seja porque não aprendeu a observar direito, e seu problema nada tem a ver com sua cabeça.

Ensinar a observar não é fácil. Primeiro você precisa eliminar os preconceitos, ou pré-conceitos, que são a carga de atitudes e visões incorretas que alguns nos ensinam e nos impedem de enxergar o verdadeiro mundo. Há tanta coisa que é escrita hoje simplesmente para defender os interesses do autor ou grupo que dissemina essa idéia, o que é assustador. Se você quer ter uma visão independente, aprenda correndo a observar você mesmo.

Quantas vezes não participamos de uma reunião e alguém diz "vamos parar de discutir", no sentido de pensar e tentar "ver" o problema de outro ângulo? Quantas vezes a gente simplesmente não "enxerga" a questão? Se você realmente quiser ter idéias novas, ser criativo, ser inovador e ter uma opinião independente, aprimore primeiro os seus sentidos. Você estará no caminho certo para começar a pensar.

(Stephen Kanitz, Observar e pensar. Veja, 04.08.2004. Adaptado)

O advérbio **não**, em uma frase do texto, é empregado de modo enfático, sem o sentido negativo que lhe é próprio. Assinale a alternativa em que isso ocorre.

- a) Na época não existia internet nem computadores, o mundo era totalmente diferente.
- b) Não que eu seja contra livros, muito pelo contrário.
- c) Quase metade das descobertas científicas surgiu não da lógica [...], mas da simples observação.
- d) Quantas vezes não participamos de uma reunião e alguém diz "vamos parar de discutir" [...]?
- e) Quantas vezes a gente simplesmente não "enxerga" a questão?

#### **19) (UFAC-1997) O PRIMO**

Primeira noite ele conheceu que Santina não era moça. Casado por amor, Bento se desesperou. Matar a noiva, suicidar-se, e deixar o outro sem castigo? Ela revelou que, havia dois anos, o primo Euzébio lhe fizera mal, por mais que se defendesse. De vergonha, prometeu a Nossa Senhora ficar solteira. O próprio Bento não a deixava mentir, testemunha de sua aflição antes do casamento. Santina pediu perdão, ele respondeu que era tarde - noiva de grinalda sem ter direito. (Cemitério de elefantes. Apud CARNEIRO, Agostinho Dias)

Leia com atenção as seguintes frases, reparando nas sublinhas:

- I. Bento pretendia morar< do lado de cá >do túnel.
- II. <Do lado de lá> do povoado, havia uma serra.
- III. Bento gostava de se encontrar com Santina< neste lugar>.
- IV. Santina nunca mais foi vista< nesse lugar>.

Se substituirmos as expressões sublinhadas por advérbios de sentidos equivalentes, teremos a seguinte seqüência:

- a) aquém - além - aqui - aí
- b) além - aquém - aqui - aí
- c) aquém - além - ali - aqui
- d) além - além - aqui - aí
- e) além - aquém - ali - aqui

#### **20) (UFAC-1997) O PRIMO**

Primeira noite ele conheceu que Santina não era moça. Casado por amor, Bento se desesperou. Matar a noiva, suicidar-se, e deixar o outro sem castigo? Ela revelou que, havia dois anos, o primo Euzébio lhe fizera mal, por mais que se defendesse. De vergonha, prometeu a Nossa Senhora ficar solteira. O próprio Bento não a deixava mentir, testemunha de sua aflição antes do casamento. Santina pediu perdão, ele respondeu que era tarde - noiva de grinalda sem ter direito.  
(Cemitério de elefantes. Apud CARNEIRO, Agostinho Dias)

Na frase "Isso **pouco** importa, eu já lhe falei **bastantes** vezes", as palavras sublinhadas são, respectivamente:  
a) advérbio de intensidade e pronome indefinido.  
b) pronome indefinido e advérbio de intensidade.  
c) pronome indefinido e pronome indefinido.  
d) advérbio de intensidade e advérbio de intensidade.  
e) advérbio de intensidade, ambas, mas a segunda está grafada erroneamente no plural.

### 21) (UFPA-1997) OS SAPOS

Manuel Bandeira

Enfunando os papos,  
Saem da penumbra.  
Aos pulos, os sapos.  
A luz os deslumbra.

Em ronco que aterra,  
Berra o sapo-boi:  
- "Meu pai foi à guerra!"  
- "Não foi!" - "Foi!" - "Não foi!"

O sapo-tanoeiro  
Parnasiano aguado,  
Diz: - "Meu cancioneiro  
É bem martelado.

Vede como primo  
Em comer os hiatos!  
Que arte! E nunca rimo  
Os termos cognatos.

O meu verso é bom  
Frumento sem joio.  
Faço rimas com  
Consoantes de apoio.

Vai por cinqüenta anos  
Que lhes dei a norma:  
Reduzi sem danos  
A formas a forma.

Clame a saparia  
Em críticas céticas:  
Não há mais poesia  
Mas há artes poéticas..."

Urta o sapo-boi:  
- "Meu pai foi rei" - "Foi!"  
- "Não foi!" - "Foi" - "Não foi!"

Brada em um assomo  
O sapo-tanoeiro:  
- "A grande arte é como  
Lavor de joalheiro.

Ou bem de estatutário.  
Tudo quanto é belo.  
Tudo quanto é vário,  
Canta no martelo".

Outros, sapos-pipas  
(Um mal em si cabe),  
Falam pelas tripas:  
-"Sei!" - "Não sabe!" - "Sabe!".

Longe dessa grita,  
Lá onde mais densa  
A noite infinita  
Verte a sombra imensa;

Lá, fugido ao mundo,  
Sem glória, sem fé,  
No perau profundo  
E solitário, é

Que soluças tu,  
Transido de frio,  
Sapo cururu  
Da beira do rio...

Na 12ª estrofe, 2ª verso, encontra-se o advérbio lá. Qual ou quais o(s) termo(s) de referência representa no poema?

22) (FGV-2005) Os tiranos e os autocratas sempre compreenderam que a capacidade de ler, o conhecimento, os livros e os jornais são potencialmente perigosos. Podem insuflar idéias independentes e até rebeldes nas cabeças de seus súditos. O governador real britânico da colônia de Virgínia escreveu em 1671:

Graças a Deus não há escolas, nem imprensa livre; e espero que não [as] tenhamos nestes [próximos] cem anos; pois o conhecimento introduziu no mundo a desobediência, a heresia e as seitas, e a imprensa divulgou-as e publicou os libelos contra os melhores governos. Que Deus nos guarde de ambos!  
Mas os colonizadores norte-americanos, compreendendo em que consiste a liberdade, não pensavam assim. Em seus primeiros anos, os Estados Unidos se vangloriavam de ter um dos índices mais elevados - talvez o mais elevado - de cidadãos alfabetizados no mundo. Atualmente, os Estados Unidos não são o líder mundial em alfabetização. Muitos dos que são alfabetizados não



conseguem ler, nem compreender material muito simples - muito menos um livro da sexta série, um manual de instruções, um horário de ônibus, o documento de uma hipoteca ou um programa eleitoral.

As rodas dentadas da pobreza, ignorância, falta de esperança e baixa auto-estima se engrenam para criar um tipo de máquina do fracasso perpétuo que esmigalha os sonhos de geração a geração. Nós todos pagamos o preço de mantê-la funcionando. O analfabetismo é a sua cavilha. Ainda que endureçamos os nossos corações diante da vergonha e da desgraça experimentadas pelas vítimas, o ônus do analfabetismo é muito alto para todos os demais - o custo de despesas médicas e hospitalização, o custo de crimes e prisões, o custo de programas de educação especial, o custo da produtividade perdida e de inteligências potencialmente brilhantes que poderiam ajudar a solucionar os dilemas que nos perseguem. Frederick Douglass ensinou que a alfabetização é o caminho da escravidão para a liberdade. Há muitos tipos de escravidão e muitos tipos de liberdade. Mas saber ler ainda é o caminho.

(Carl Sagan, O caminho para a liberdade. Em O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro. Adaptado)

Ainda que endureçamos os nossos corações diante da vergonha e da desgraça experimentadas pelas vítimas, o ônus do analfabetismo é muito alto para todos os demais. A locução *ainda que* e o advérbio *muito* estabelecem, nesse enunciado, relações de sentido, respectivamente, de

- restrição e quantidade.
- causa e modo.
- tempo e meio.
- concessão e intensidade.
- condição e especificação.

23) (UFSCar-2002) Soneto de fidelidade  
(Vinicius de Moraes)

De tudo, ao meu amor serei atento  
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto  
Que mesmo em face do maior encanto  
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento  
E em seu louvor hei de espalhar meu canto  
E rir meu riso e derramar meu pranto  
Ao seu pesar ou seu contentamento.

E assim, quando mais tarde me procure  
Quem sabe a morte, angústia de quem vive  
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):  
Que não seja imortal, posto que é chama  
Mas que seja infinito enquanto dure.

Por enquanto  
(Renato Russo)  
Mudaram as estações  
Nada mudou

Mas eu sei que alguma coisa aconteceu  
Tá tudo assim, tão diferente  
Se lembra quando a gente  
Chegou um dia a acreditar  
Que tudo era pra sempre  
Sem saber  
Que o pra sempre  
Sempre acaba.

No segundo verso do poema, no qual o poeta mostra como tratará o seu amor, as expressões “com tal zelo”, “sempre” e “tanto” dão, respectivamente, idéia de

- modo - intensidade - modo.
- modo - tempo - intensidade.
- tempo - tempo - modo.
- finalidade - tempo - modo.
- finalidade - modo - intensidade.

24) (Fuvest-2002) Talvez pareça excessivo o escrúpulo do Cotrim, a quem não souber que ele possuía um caráter ferozmente honrado. Eu mesmo fui injusto com ele durante os anos que se seguiram ao inventário de meu pai. Reconheço que era um modelo. Argüiam-no de avareza, e cuido que tinham razão; mas a avareza é apenas a exageração de uma virtude e as virtudes devem ser como os orçamentos: melhor é o saldo que o deficit. Como era muito seco de maneiras tinha inimigos, que chegavam a acusá-lo de bárbaro. O único fato alegado neste particular era o de mandar com freqüência escravos ao calabouço, donde eles desciam a escorrer sangue; mas, além de que ele só mandava os perversos e os fujões, ocorre que, tendo longamente contrabandeado em escravos, habituara-se de certo modo ao trato um pouco mais duro que esse gênero de negócio requeria, e não se pode honestamente atribuir à índole original de um homem o que é puro efeito de relações sociais.  
(Machado de Assis, Memórias póstumas de Brás Cubas)

O efeito expressivo obtido em “ferozmente honrado” resulta de uma inesperada associação de advérbio com adjetivo, que também se verifica em:

- sorriso maliciosamente inocente.
- formas graciosamente curvas.
- sistema singularmente espantoso.
- opinião simplesmente abusada.
- expressão profundamente abatida.

25) (Unifesp-2002) Texto I:

“O Vale de Santarém é um destes lugares privilegiados pela natureza, sítios amenos e deleitosos em que as plantas, o ar, a situação, tudo está numa harmonia suavíssima e perfeita; não há ali nada grandioso nem sublime, mas há uma como simetria de cores, de sons, de

disposição em tudo quanto se vê e se sente, que não parece senão que a paz, a saúde, o sossego do espírito e o repouso do coração devem viver ali, reinar ali um reinado de amor e benevolência. (...) Imagina-se por aqui o Éden que o primeiro homem habitou com a sua inocência e com a virgindade do seu coração.

À esquerda do vale, e abrigado do norte pela montanha que ali se corta quase a pique, está um maciço de verdura do mais belo viço e variedade. (...)

Para mais realçar a beleza do quadro, vê-se por entre um claro das árvores a janela meio aberta de uma habitação antiga, mas não dilapidada - (...) A janela é larga e baixa; parece mais ornada e também mais antiga que o resto do edifício, que todavia mal se vê..."

(Almeida Garrett, Viagens na minha terra.)

Texto II:

"Depois, fatigado do esforço supremo, [o rio] se estende sobre a terra, e adormece numa linda bacia que a natureza formou, e onde o recebe como um leito de noiva, sob as cortinas de trepadeiras e flores agrestes. A vegetação nessas paragens ostentava outrora todo o seu luxo e vigor; florestas virgens se estendiam ao longo das margens do rio, que corria no meio das arcarias de verdura e dos capitéis formados pelos leques das palmeiras.

Tudo era grande e pomposo no cenário que a natureza, sublime artista, tinha decorado para os dramas majestosos dos elementos, em que o homem é apenas um simples comparsa. (...) Entretanto, via-se à margem direita do rio uma casa larga e espaçosa, construída sobre uma eminência e protegida de todos os lados por uma muralha de rocha cortada a pique."

(José de Alencar, O guarani.)

Texto III:

"Uma fonte aqui houve; eu não me esqueço

De estar a ela um dia reclinado:

Ali em vale um monte está mudado:

Quanto pode dos anos o progresso!

Árvores aqui vi tão florescentes,

Que faziam perpétua a primavera:

Nem troncos vejo agora decadentes."

(Cláudio Manuel da Costa, Sonetos-VII.)

Com referência ao texto III, a correlação entre o advérbio de lugar, o objeto que nele se situa e o tempo de existência (ou vida) deste objeto está correta em

- "Aqui" = "fonte" no presente e "árvores florescentes" no passado.
- "Ali" = "vale" no presente e "monte" no presente.
- "Aqui" = "fonte", "árvores florescentes", "troncos decadentes" no passado.
- "Aqui" = "fonte", "árvores florescentes", "troncos decadentes" no presente.
- "Ali" = "vale" no passado e "monte" no passado.

26) (Fuvest-2004) Texto para a questão a seguir

Olhar para o céu noturno é quase um privilégio em nossa atribulada e iluminada vida moderna. (...) Companhias de turismo deveriam criar "excursões noturnas", em que grupos de pessoas são transportados até pontos estratégicos para serem instruídos por um astrônomo sobre as maravilhas do céu noturno. Seria o nascimento do "turismo astronômico", que complementaria perfeitamente o novo turismo ecológico. E por que não? Turismo astronômico ou não, talvez a primeira impressão ao observarmos o céu noturno seja uma enorme sensação de paz, de permanência, de profunda ausência de movimento, fora um eventual avião ou mesmo um satélite distante (uma estrela que se move!). Vemos incontáveis estrelas, emitindo sua radiação eletromagnética, perfeitamente indiferentes às atribulações humanas. Essa visão pacata dos céus é completamente diferente da visão de um astrofísico moderno. As inocentes estrelas são verdadeiras fornalhas nucleares, produzindo uma quantidade enorme de energia a cada segundo. A morte de uma estrela modesta como o Sol, por exemplo, virá acompanhada de uma explosão que chegará até a nossa vizinhança, transformando tudo o que encontrar pela frente em poeira cósmica. (O leitor não precisa se preocupar muito. O Sol ainda produzirá energia "docilmente" por mais uns 5 bilhões de anos.) (Marcelo Gleiser, Retalhos cósmicos)

Na frase "O Sol ainda produzirá energia (...)", o advérbio ainda tem o mesmo sentido que em:

- Ainda lutando, nada conseguirá.
- Há ainda outras pessoas envolvidas no caso.
- Ainda há cinco minutos ela estava aqui.
- Um dia ele voltará, e ela estará ainda à sua espera.
- Sei que ainda serás rico.

27) (FGV-2002) Um cachorro de maus bofes acusou uma pobre ovelhinha de lhe haver furtado um osso.

- Para que furtaria eu esse osso - ela - se sou herbívora e um osso para mim vale tanto quanto um pedaço de pau?  
- Não quero saber de nada. Você furtou o osso e vou levá-la aos tribunais.

E assim fez.

Queixou-se ao gavião-de-penacho e pediu-lhe justiça. O gavião reuniu o tribunal para julgar a causa, sorteando para isso doze urubus de papo vazio.

Comparece a ovelha. Fala. Defende-se de forma cabal, com razões muito irmãs das do cordeirinho que o lobo em tempos comeu.

Mas o júri, composto de carnívoros gulosos, não quis saber de nada e deu a sentença:

- Ou entrega o osso já e já, ou condenamos você à morte!  
A ré tremeu: não havia escapatória!... Osso não tinha e não podia, portanto, restituir; mas tinha vida e ia entregá-la em pagamento do que não furtara.

Assim aconteceu. O cachorro sangrou-a, espastejou-a, reservou para si um quarto e dividiu o restante com os juizes famintos, a título de custas...

(Monteiro Lobato. *Fábulas e Histórias Diversas*)

Leia atentamente a seguinte frase extraída do texto: “*Ou entrega o osso já e já, ou condenamos você à morte!*”.

Poder-se-ia dispensar uma das formas *já* dessa frase sem alterar-lhe o sentido? Explique.

## 28) (UFOP-2001) UM CHORINHO EM MENTE

Descompassadamente  
 Taquicardicamente  
 Descontroladamente  
 Eu desejei você  
 Apaixonadamente  
 Lovestoricamente  
 Idolatradamente  
 Eu adorei você  
 Enfeitadamente  
 Heliotropicamente  
 Apostolicamente  
 Eu segui você  
 Resignadamente  
 Cristianissimamente  
 Interminavelmente  
 Eu perdoei você  
 Astuciosamente  
 Maquiavelicamente  
 Silenciosamente  
 Você me enredou  
 Insaciavelmente  
 Aracnidicamente  
 Canibalescamente  
 Você me devorou  
 Indecorosamente  
 Despudoradamente  
 Pornograficamente  
 Você me enganou  
 Arrasadoramente  
 Desmoralizantemente  
 Definitivamente  
 Você me aniquilou  
 (Laerte Freire)

O texto explora o uso de um mesmo processo de formação de palavras.

- Que processo é esse? Explique-o.]
- Que hipóteses poderiam ser levantadas a respeito das intenções do autor ao usar esse recurso?

## 29) (UFV-2005)



“Mas daqui a trinta anos nós é que vamos fazer coisas e ocupar cargos.” Das alterações processadas abaixo, aquela em que NÃO ocorre substancial mudança de sentido é:

- Por isso daqui a trinta anos nós é que vamos fazer coisas inclusive ocupar cargos.
- Além disso daqui a trinta anos nós é que vamos fazer coisas sem ocupar cargos.
- Tanto que daqui a trinta anos nós é que vamos fazer coisas e ocupar cargos.
- No entanto daqui a trinta anos nós é que vamos fazer coisas além de ocupar cargos.
- Portanto daqui a trinta anos nós é que vamos fazer coisas assim como ocupar cargos.

## 30) (UFSCar-2002) O grande clandestino

(Aníbal Machado)

Eu me distraio muito com a passagem do tempo.  
 Chego às vezes a dormir. O tempo então aproveita e  
 [passa escondido.

Mas com que velocidade!

Basta ver o estado das coisas depois que desperto:  
 [quase todas fora do lugar, ou desaparecidas; outras  
 [com uma prole imensa;

O que é preciso é nunca dormir, e ficar vigilante, para  
 [obrigá-lo ao menos a disfarçar a evidência de suas  
 [metamorfoses.

(...)

Contudo, não se deve ligar demasiada importância ao  
 [tempo. Ele corre de qualquer maneira.

É até possível que não exista.

Seu propósito evidente é envelhecer o mundo.

Mas a resposta do mundo é renascer sempre para o  
 [tempo.

## Texto 2

O tempo e os relógios

(Cecília Meireles)

Creia-se ou não, todo mundo sente que o tempo passa. Não precisamos olhar para o espelho nem para nenhum relógio: o tempo está em nosso coração, e ouve-se; o tempo está em nosso pensamento, e lembra-se. “Vou matando o tempo, enquanto o tempo não me mata” - respondia-me na Índia um grande homem amigo meu, cada vez que perguntava como ia passando.

(...)

Em todo caso, esses são os tempos grandes. O tempo

pequeno é o dos nossos relógios.

Muitos recursos lingüísticos garantem ao texto a sua coesão e expressividade.

No texto de Aníbal Machado, os termos “mas” (3º verso) e “contudo” (6º verso) têm a mesma função coesiva e expressiva? Justifique a sua resposta.

No trecho do texto 2 “Não precisamos olhar para o espelho nem para nenhum relógio: o tempo está em nosso coração, e ouve-se...”, os dois pontos poderiam ser substituídos por um conectivo para ligar as orações. Reescreva o trecho, explicitando esse elemento de ligação das orações.

**31) (Faap-1996)** Dario vinha apressado, o guarda-chuva no braço esquerdo e, assim que dobrou a esquina, diminui o passo até parar, encostando-se à parede de uma casa. Foi escorregando por ela, de costas, sentou-se na calçada, ainda úmida da chuva, e descansou no chão o cachimbo.

Dois ou três passantes rodearam-no, indagando se não estava se sentindo bem. Dario abriu a boca, moveu os lábios, mas não se ouviu resposta. Um senhor gordo, de branco, sugeriu que ele devia sofrer de ataque.

Estendeu-se mais um pouco, deitado agora na calçada, o cachimbo a seu lado tinha apagado. Um rapaz de bigode pediu ao grupo que se afastasse, deixando-o respirar. E abriu-lhe o paletó, o colarinho, a gravata e a cinta. Quando lhe retiraram os sapatos, Dario roncou pela garganta e um fio de espuma saiu do canto da boca.

Cada pessoa que chegava se punha na ponta dos pés, embora não pudesse ver. Os moradores da rua conversavam de uma porta à outra, as crianças foram acordadas e vieram de pijama às janelas. O senhor gordo repetia que Dario sentara-se na calçada, soprando ainda a fumaça do cachimbo e encostando o guarda-chuva na parede. Mas não se via guarda-chuva ou cachimbo ao lado dele.

Uma velhinha de cabeça grisalha gritou que Dario estava morrendo. Um grupo transportou-o na direção do táxi estacionado na esquina. Já tinha introduzido no carro metade do corpo, quando o motorista protestou: se ele morresse na viagem? A turba concordou em chamar a ambulância. Dario foi conduzido de volta e encostado à parede - não tinha os sapatos e o alfinete de pérola na gravata.

(Dalton Trevisan)

"(1) Cada pessoa / (2) que chegava, / (1) se punha na ponta dos pés, / (3) embora não pudesse ver."  
Há no texto três orações, e estão numeradas. A segunda - QUE CHEGAVA - é subordinada:

- a) substantiva subjetiva
- b) substantiva objetiva direta
- c) adverbial causal
- d) adverbial final
- e) adjetiva

**32) (Fatec-1997)** Quando jovem, Antônio Vieira acreditava nas palavras, especialmente nas que eram ditas com fé. No entanto, todas as palavras que ele dissera, nos púlpitos, na salas de aula, nas reuniões, nas catequeses, nos corredores, nos ouvidos dos reis, clérigos, inquisidores, duques, marqueses, ouvidores, governadores, ministros, presidentes, rainhas, príncipes, indígenas, desses milhões de palavras ditas com esforço de pensamento, poucas - ou nenhuma delas - havia surtido efeito. O mundo continuava exatamente o de sempre. O homem, igual a si mesmo.

Ana Miranda, BOCA DO

INFERNO

Antônio Vieira acreditava nas palavras.

No entanto, poucas palavras haviam surtido efeito.

Assinale a alternativa que contém período de mesma classificação sintática que o período anterior:

- a) Vivera como um santo; o que se dizia dele, entretanto, era bem diferente.
- b) Como não tivera culpa comprovada, Teles de Menezes pôde voltar à sua terra natal.
- c) Enquanto isso se passava, na Universidade do México me dedicaram umas conclusões de teologia.
- d) Se Ignácio de Loyola estivesse vivo estaria aplaudindo e apoiando seu soldado.
- e) Afinal, tudo aconteceu por culpa do pedido que meu pai lhe fizera.

**33) (Faap-1996)** "Mas eu o exasperava tanto QUE se tornara doloroso para mim ser o objeto do ódio daquele homem QUE de certo modo eu amava."

Há no período duas orações que se iniciam com o conectivo QUE. A primeira dá idéia de:

- a) condição
- b) consequência
- c) concessão
- d) causa
- e) tempo

**34) (FGV-1996)** (Transformação de períodos):

EXEMPLO: Paulo é grande e seu irmão Pedro é maior.

1. nexos lógicos de comparação;

primeira possibilidade: Pedro é maior do que Paulo, seu irmão.

segunda possibilidade: Paulo é menor do que Pedro, seu irmão.

O rio Tietê continua sujo e falta água em São Paulo.

Em três estruturas diferentes, reconstrua - com duas possibilidades cada - período acima, efetuando as alterações necessárias para estabelecer entre as orações nexos lógicos de:

- 1.contraste
- 2.condicionalidade
- 3.finalidade

35) (UEPB-2006) “Será através da educação que faremos a revolução no campo. Para tanto é necessário capital. **Como** Zé Américo podemos dizer: “eu sei onde está o dinheiro”. O dinheiro existe, mas o que não pode continuar é essa roubalheira escancarada...” (Correio da Paraíba, 24/05/05)

Assinale, entre as propostas abaixo, aquela em que a expressão **COMO** tem a mesma classificação daquele em destaque no trecho citado, mantendo um sentido aproximado.

- a) “O resto é calúnia, eles são dois velhinhos que dividem uma linda história de amor, tratam-se de senhor e senhora, como se fazia antigamente, e sempre viveram juntos, embora em domicílios separados”, diz a advogada dele, Paule Le Bail. (Veja, n. 23, ano 38, 08/06/05)
- b) (...) os consumidores mais endinheirados trocam de celular todo ano, em busca de funções mais avançadas, como telas com mais cores e câmaras com resolução superior. (Veja, n.14, ano 38, 06/04/05)
- c) Como escolher um plano familiar (...) O primeiro passo ao escolher um plano de descontos em ligações no celular é levantar quanto cada pessoa da família usa o telefone. (Veja, n.14, ano 38, 06/04/05)
- d) O Banco Central estuda como tornar os caixas eletrônicos compatíveis entre si. (Veja, n. 23, ano 38, 08/06/05)
- e) Como todo sucesso tem seu preço, Gislaíne convive com ameaças de morte ... e anda escoltada por seguranças. (Veja, n.14, ano 38, 06/04/05)

36) (UERJ-2001) “A caricatura não tem por objeto principal fazer rir. Isto é tão certo que há caricaturas lúgubres. Porque encontra o riso em seu caminho, a caricatura afinal não tem nada duma arte do riso, como têm avançado muitos autores, e assim a considera o preconceito corrente. (...) Longe de ser um testemunho da alegria, o próprio exagero caricatural não é senão um meio, nas mãos do artista, para exprimir seu rancor. Não há por que nos surpreendermos com isso. Como, realmente, à força de muito advertidos a respeito daquilo que mascara a mímica social, não cairmos em meditação cheia de

desgosto? Como não nos deixarmos possuir por uma espécie de desencantamento, uma como que fadiga da alma, à custa de muito vermos e de vermos muito bem?”

(GAULTIER, Paul. In: LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.)

*Porque encontra o riso em seu caminho, a caricatura afinal não tem nada duma arte do riso...*

Neste trecho, percebemos que o conectivo “porque” está sendo empregado com um significado diferente do usual. A substituição do conectivo que preserva o sentido original do trecho é:

- a) Se encontrar o riso em seu caminho, ...
- b) Ainda que encontre o riso em seu caminho, ...
- c) Já tendo encontrado o riso em seu caminho, ...
- d) Em virtude de encontrar o riso em seu caminho, ...

37) (Mack-2004) “De acordo com uma pesquisa de uma universidade inglesa, não importa em qual ordem as letras de uma palavra estão, a única coisa importante é que a primeira e a última letras estejam no lugar certo. O resto pode ser uma qualquer coisa que você pode ainda ler sem problema. Isso é porque nós não lemos cada letra isolada, mas a palavra como um todo.” Não, o trecho acima não foi publicado por descuido. Trata-se de uma brincadeira que está circulando na internet, mas que é baseada em princípios científicos: “O cérebro aplica um sistema de inferência no processo de leitura. Esse sistema, chamado ‘sistema de preenchimento’, se baseia em pontos nodais ou relevantes, a partir dos quais o cérebro completa o que falta ou coloca as partes corretas nos seus devidos lugares”, explica o neurologista Benito Damasceno. Esse mecanismo não funciona apenas com a leitura: “Quando vemos apenas uma ponta de caneta, por exemplo, somos capazes de inferir que aquilo é uma caneta inteira”, diz Damasceno.

Considere as seguintes afirmações sobre o segundo parágrafo.

- I. A conjunção “mas” permite pressupor que conhecimentos científicos, geralmente, não se manifestam em brincadeiras.
  - II. A negativa com que é iniciado tem a função de simular um diálogo com o leitor.
  - III. Os dois-pontos introduzem trecho que fundamenta a informação enunciada anteriormente.
- Assinale
- a) se todas as afirmativas estiverem corretas.
  - b) se todas as afirmativas estiverem incorretas.
  - c) se apenas I e II estiverem corretas.
  - d) se apenas I e III estiverem corretas.
  - e) se apenas II e III estiverem corretas.

38) (UEPB-2006) “O governo federal não pode tratar igualmente os desiguais, tem de investir mais nas regiões **que** venha possibilitar um crescimento maior e a unificação desses dois Brasis.” (Correio da Paraíba, 24/05/05) Listamos abaixo (de I a IV) explicações sobre o termo **QUE**, sob os aspectos morfológico e sintático. Assinale a alternativa (de **a** a **e**) que corresponde à(às) justificativa(s) possível(is) quanto à escolha do autor no trecho citado:

- I. **QUE** é uma conjunção consecutiva e estabelece uma relação de resultado ou conseqüência entre investimento nas regiões e crescimento dos dois Brasis.
  - II. **QUE** é uma conjunção final (com elipse da preposição “para”) e estabelece uma relação de finalidade entre investimento nas regiões e crescimento dos dois Brasis.
  - III. **QUE** é um pronome relativo e expressa noção de ênfase à possibilidade de crescimento e unificação dos dois Brasis.
  - IV. **QUE** é um pronome relativo e tem como referente o termo “regiões”.
- a) Apenas a explicação IV está correta.
  - b) As explicações III e IV estão corretas.
  - c) Apenas a explicação I está correta.
  - d) Apenas a explicação II está correta.
  - e) As explicações I e II estão corretas.

39) (Mack-2002) ... isto de método, sendo, como é, uma coisa indispensável, todavia é melhor tê-lo sem gravata nem suspensórios, mas um pouco à fresca e à solta (...).

Assinale a alternativa correta sobre o fragmento transcrito.

- a) **isto** tem o mesmo valor da interjeição presente na frase: Isto! Você superou brilhantemente o obstáculo!.
- b) A frase sendo uma coisa indispensável expressa, no contexto, uma condição.
- c) **como é** constitui recurso para não deixar dúvida sobre a afirmação que está sendo articulada.
- d) todavia pode ser substituído, sem prejuízo do sentido original, por **porque**.
- e) O acento indicativo da crase observado em à solta ocorreria corretamente também **em chegou à escrever aos pais**.

40) (FGV-2004) 1. Era no tempo que ainda os portugueses não  
2. haviam sido por uma tempestade empurrados para  
3. a terra de Santa Cruz. Esta pequena ilha abundava  
4. de belas aves e em derredor pescava-se excelente  
5. peixe. Uma jovem tamoia, cujo rosto moreno parecia  
6. tostado pelo fogo em que ardia-lhe o coração,

7. uma jovem tamoia linda e sensível, tinha por habitação  
8. esta rude gruta, onde ainda então não se via  
9. a fonte que hoje vemos. Ora, ela, que até os quinze  
10. anos era inocente como a flor, e por isso alegre  
11. e folgazona como uma cabritinha nova, começou a  
12. fazer-se tímida e depois triste, como o gemido da rola; a causa disto estava no agradável parecer de um mancebo da sua tribo, que diariamente vinha caçar ou pescar à ilha, e vinte vezes já o havia  
13. feito  
14. sem que de uma só desse fé dos olhares ardentes  
15. que lhe dardejava a moça. O nome dele era Aoitin;  
16. o nome dela era Ahy.  
17. A pobre Ahy, que sempre o seguia, ora lhe apanhava  
18. as aves que ele matava, ora lhe buscava as flechas disparadas, e nunca um só sinal de reconhecimento  
19. obtinha; quando no fim de seus trabalhos,  
20. Aoitin ia adormecer na gruta, ela entrava de manso  
21. e com um ramo de palmeira procurava, movendo o  
22. ar, refrescar a fronte do guerreiro adormecido.  
23. Mas  
24. tantos extremos eram tão mal pagos que Ahy, de cansada, procurou fugir do insensível moço e  
25. fazer  
26. por esquecê-lo; porém, como era de esperar, nem fugiu-lhe e nem o esqueceu.  
27. Desde então tomou outro partido: chorou. Ou porque a sua dor era tão grande que lhe podia exprimir o amor em lágrimas desde o coração até os olhos, ou porque, selvagem mesmo, ela já tinha compreendido que a grande arma da mulher está no pranto, Ahy chorou.

MACEDO, Joaquim Manuel de. A Moreninha. São Paulo: Ática, 1997, p. 62-63.

Observe:

“A pobre Ahy, que sempre o seguia, ora lhe apanhava as aves que ele matava, ora lhe buscava as flechas disparadas, e nunca um só sinal de reconhecimento obtinha...” (L. 19-20-21-22)

- a) Que diferenças podem ser apontadas entre a palavra ora, nesse trecho, e a palavra hora, que não está no texto?
- b) Cite outra passagem do texto em que se encontram palavras com o mesmo emprego e sentido semelhante ao de ora, nesse trecho.

41) (ESPM-2006) A morte do livro  
FERREIRA GULLAR

A morte do livro como veículo da literatura já foi profetizada várias vezes na chamada época moderna. E não por inimigos da literatura, mas pelos escritores mesmos. Até onde me lembro, o primeiro a fazer essa profecia foi nada menos que o poeta Guillaume Apollinaire, no começo do século 20.

Entusiasmado com a invenção do gramofone (ou vitrola), acreditou que os poetas em breve deixariam de imprimir seus poemas em livros para gravá-los em discos, com a vantagem — segundo ele, indiscutível — de o antigo leitor, tornado ouvinte, ouvi-los na voz do próprio poeta. [...]

De qualquer modo, Apollinaire, que foi um bom poeta, revelara-se um mau profeta, já que os poetas continuaram a se valer do livro para difundir seus poemas enquanto o disco veio servir mesmo foi aos cantores e compositores de canções populares, [...].

O mais recente profeta do fim do livro é o romancista norte-americano Philip Roth, que, numa entrevista, fez o prenúncio. Na verdade, ele anunciou o fim da própria literatura e não por falta de escritores, mas de leitores. Certamente, referia-se a certo tipo de literatura, pois obras de ficção como “O Código Da Vinci” e “Harry Potter” alcançam tiragens de milhões de exemplares em todos os idiomas.

Outro fenômeno que contradiz a tese de que as pessoas lêem cada vez menos é o crescente tamanho dos “best-sellers”: ultimamente, os volumes ultrapassam as 400 ou 500 páginas, havendo os que atingem mais de 800. Tais dados põem em dúvida, mais uma vez, as previsões da morte do livro e da literatura. [...]

A visão simplificadora consiste em não levar em conta alguns fatores que estão ocultos, mas atuantes na sociedade de massa: fatores qualitativos que a avaliação meramente quantitativa ignora. Começa pelo fato de que são as obras literárias de qualidade, e não as que constituem mero passatempo, que influem na construção do universo imaginário da época. É indiscutível que tais obras atingem, inicialmente, um número reduzido de leitores, mas é verdade também que, através deles, com o passar do tempo, influem sobre um número cada vez maior de indivíduos — e especialmente sobre aqueles que constituem o núcleo social irradiador das idéias.

Costumo, a propósito desta discussão, citar o exemplo de um livro de poemas que nasceu maldito: “As Flores do Mal”, de Charles Baudelaire, cuja primeira edição, em reduzida tiragem, data de 1857. Naquela mesma época havia autores cujos livros alcançavam tiragens consideráveis, que às vezes chegavam a mais de 30 mil exemplares. Esses livros cumpriram sua missão, divertiram os leitores e depois foram esquecidos, como muitos “best-sellers” de nossa época. Enquanto isso, o livro de poemas de Baudelaire — cuja venda quase foi proibida pela Justiça —, que vem sendo reeditado e traduzido em todas as línguas, já deve ter atingido, no total das tiragens, muitos milhões de exemplares. O verdadeiro “best-seller” é ele ou não é? [...]

(Folha de São Paulo, 19/03/2006)

No trecho: “...Apollinaire, que foi um bom poeta, revelara-se um mau profeta, já que os poetas continuaram a se valer do livro para difundir seus poemas...”, o conector em negrito só não possui o mesmo valor semântico de:

- a) porque.
- b) conquanto.
- c) visto que.
- d) uma vez que.
- e) como.

42) (Unifesp-2003) A questão a seguir é relacionada a uma passagem bíblica e a um trecho da canção “Cálice”, realizada em 1973, por Chico Buarque (1944-) e Gilberto Gil (1942-).

#### Texto Bíblico

Pai, se queres, afasta de mim este cálice! Contudo, não a minha vontade, mas a tua seja feita! (Lucas, 22)  
(in: Bíblia de Jerusalém. 7ª impressão. São Paulo: Paulus, 1995)

#### Trecho de Canção

Pai, afasta de mim esse cálice!  
Pai, afasta de mim esse cálice!  
Pai, afasta de mim esse cálice  
De vinho tinto de sangue.

Como beber dessa bebida amarga,  
Tragar a dor, engolir a labuta,  
Mesmo calada a boca, resta o peito,  
Silêncio na cidade não se escuta.  
De que me vale ser filho da santa,  
Melhor seria ser filho da outra,  
Outra realidade menos morta,  
Tanta mentira, tanta força bruta.

.....  
(in: [www.uol.com.br/chicobuarque/](http://www.uol.com.br/chicobuarque/))

A frase *Contudo, não a minha vontade, mas a tua seja feita!* contém dois conectivos adversativos. O conectivo *mas* estabelece coesão entre a oração *a tua [vontade] seja feita* e a oração *não [seja feita] a minha vontade*. O conectivo *contudo* estabelece coesão entre

- a) a oração implícita [*se não queres*] e a oração *não [seja feita] a minha vontade*.
- b) a oração *se queres* e a oração *não [seja feita] a minha vontade*.
- c) a oração *afasta de mim este cálice!* e a oração *a tua [vontade] seja feita*.
- d) a oração implícita [*se não queres*] e a oração *a tua [vontade] seja feita*.
- e) a oração *a tua [vontade] seja feita* e a oração *não [seja feita] a minha vontade*.

43) (UNIUBE-2002) A questão abaixo refere-se ao texto retirado de “Dom Casmurro”, de Machado de Assis, transcrito abaixo.

Uma noite destas, vindo da cidade para o Engenho Novo, encontrei num trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu. Cumprimentou-me, sentou-se ao pé de mim, falou da lua e dos ministros, e acabou recitando-me versos. A viagem era curta, e os versos pode ser que não fossem inteiramente maus. Sucedeu, porém, que, como eu estava cansado, fechei os olhos três ou quatro vezes; tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso.

- Continue, disse eu acordando.
- Já acabei, murmurou ele.
- São muito bonitos.

Vi-lhe fazer um gesto para tirá-los outra vez do bolso, mas não passou do gesto; estava amuado.

No dia seguinte entrou a dizer de mim nomes feios, e acabou alcunhando-me “Dom Casmurro”. Os vizinhos, que não gostam dos meus hábitos reclusos e calados, deram curso à alcunha, que afinal pegou. Nem por isso me zanguei. Conteí a anedota aos amigos da cidade, e eles, por graça, chamam-me assim, alguns em bilhetes: “Dom Casmurro, domingo vou jantar com você.” “ \_\_\_ Vou para Petrópolis, Dom Casmurro; a casa é a mesma da Renânia; vê se deixas essa caverna do Engenho Novo, e vai lá passar uns quinze dias comigo.” “ \_\_\_ Meu caro Dom Casmurro, não cuide que o dispêso do teatro amanhã; venha e dormirá aqui na cidade; dou-lhe camarote, dou-lhe chá, dou-lhe cama; só não lhe dou moça.”

Não consultes dicionários. “Casmurro” não está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe pôs o vulgo de homem calado e metido consigo. “Dom” veio por ironia, para atribuir-me fumos de fidalgo. Tudo por estar cochilando! Também não achei melhor título para a minha narração \_\_\_ se não tiver outro daqui até ao fim do livro, vai este mesmo. O meu poeta do trem ficará sabendo que não lhe guardo ranço. E com pequeno esforço, sendo o título seu, poderá cuidar que a obra é sua. Há livros que apenas terão isso dos seus autores; alguns nem tanto.

“Sucedeu, porém, que, **como eu estava cansado**, fechei os olhos três ou quatro vezes...”

Assinale a alternativa que melhor corresponde ao trecho destacado acima.

- a) apesar de eu estar cansado.
- b) enquanto eu estava cansado.
- c) porque eu estava cansado.
- d) embora eu estivesse cansado.

44) (Unifesp-2003) A questão seguinte baseia-se no poema “Pneumotórax”, do modernista Manuel Bandeira (1886-1968).

### Pneumotórax

Febre, hemoptise, dispnéia e suores noturnos.  
A vida inteira que podia ter sido e que não foi.  
Tosse, tosse, tosse.

Mandou chamar o médico:

- Diga trinta e três.
- Trinta e três... trinta e três... trinta e três...
- Respire.

.....  
....

- O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado.
- Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?
- Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino. (Manuel Bandeira, Libertinagem)

Em uma de suas ocorrências, no poema Pneumotórax, a conjunção e poderia ser substituída por *mas*, sem prejuízo semântico. Essa possibilidade verifica-se em

- a) dispnéia, e suores noturnos
- b) trinta e três... trinta e três
- c) Diga trinta e três
- d) pulmão esquerdo e o pulmão direito
- e) ter sido e que não foi

45) (UFES-2002) Ainda que mal  
*Carlos Drummond de Andrade*

Ainda que mal pergunte,  
ainda que mal respondas;  
ainda que mal te entenda,  
ainda que mal repitas;  
ainda que mal insista,  
ainda que mal desculpes;  
ainda que mal me exprima,  
ainda que mal me julgues;  
ainda que mal me mostre,  
ainda que mal me vejas;  
ainda que mal te encare,  
ainda que mal te furtas  
ainda que mal te siga,  
ainda que mal te voltes;  
ainda que mal te ame,  
ainda que mal o saibas;  
ainda que mal te agarre,  
ainda que mal te mates;  
ainda assim te pergunto  
e me queimando em teu seio,  
me salvo e me dano: amor.

O termo que introduz a maioria dos versos do texto acima estabelece relação de

- a) comparação.
- b) condição.
- c) concessão.
- d) conformidade.
- e) finalidade.



46) (Fuvest-2000) Ao se discutirem as idéias expostas na assembléia, chegou-se à seguinte conclusão: pôr em confronto **essas idéias** com outras menos polêmicas seria avaliar melhor o peso **dessas idéias**, à luz do princípio geral que vem regendo **as mesmas idéias**.

- a) Transcreva o texto, substituindo as expressões sublinhadas por pronomes pessoais que lhes sejam correspondentes e efetuando as alterações necessárias.  
b) Reescreva a oração *Ao se discutirem as idéias expostas na assembléia*, introduzindo-a pela conjunção adequada e mantendo a correlação entre os tempos verbais.

47) (Mack-1996) Assinale a alternativa que apresenta a seqüência correta para preencher as lacunas.

\_\_\_\_\_ estivesse adoentado, compareceu a todas as reuniões, \_\_\_\_\_ não pôde prestar grande colaboração, \_\_\_\_\_ estava sem energia \_\_\_\_\_ participar dos debates.

- a) todavia - porque - mas - a fim de  
b) mesmo que - pois - mas - para  
c) ainda que - logo - embora - para  
d) embora - mas - pois - para  
e) apesar de que - pois - porque - para

48) (IBMEC-2007) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas.

- Deu-me alguns motivos \_\_\_\_\_ me pareciam inconsistentes.
  - As informações \_\_\_\_\_ dependo são sigilosas.
  - Lembro-me \_\_\_\_\_ ele só usava camisas brancas.
  - Feliz do pai \_\_\_\_\_ filhos são ajuizados.
  - Vivemos um momento \_\_\_\_\_ os graves problemas econômicos impedem uma maior mobilidade social.
- a) cujos, nas quais, de que, cujo os, no qual  
b) que, das quais, de que, cujos, em que  
c) os quais, de que, que, o qual, onde  
d) que, de que, que, cujos, onde  
e) dos quais, de que, que, de cujos, no qual

49) (UEL-1995) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

A visão ..... dos fatos explica ..... apenas alguns alunos foram premiados.

- a) destorcida - porque.  
b) distorcida - por que.  
c) distorcida - porque.  
d) destorcida - por que.  
e) destorcida - porquê.

50) (ENEM-2004) Cidade grande  
Que beleza, Montes Claros.  
Como cresceu Montes Claros.  
Quanta indústria em Montes Claros.

Montes Claros cresceu tanto,  
ficou urbe tão notória,  
prima-rica do Rio de Janeiro,  
que já tem cinco favelas  
por enquanto, e mais promete.  
(Carlos Drummond de Andrade)

No trecho “Montes Claros cresceu tanto,/ (...),/ que já tem cinco favelas”, a palavra *que* contribui para estabelecer uma relação de conseqüência. Dos seguintes versos, todos de Carlos Drummond de Andrade, apresentam esse mesmo tipo de relação:

- a) “Meu Deus, por que me abandonaste / se sabias que eu não era Deus / se sabias que eu era fraco.”  
b) “No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu / a ninar nos longes da senzala - e nunca se esqueceu / chamava para o café.”  
c) “Teus ombros suportam o mundo / e ele não pesa mais que a mão de uma criança.”  
d) “A ausência é um estar em mim. / E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços, / que rio e danço e invento exclamações alegres.”  
e) “Penetra surdamente no reino das palavras. / Lá estão os poemas que esperam ser escritos.”

51) (Fuvest-2001) Considerando-se a relação lógica existente entre os dois segmentos dos provérbios adiante citados, o espaço pontilhado **NÃO** poderá ser corretamente preenchido pela conjunção **mas**, apenas em:

- a) Morre o homem, (...) fica a fama.  
b) Reino com novo rei (...) povo com nova lei.  
c) Por fora bela viola, (...) por dentro pão bolorento.  
d) Amigos, amigos! (...) negócios à parte.  
e) A palavra é de prata, (...) o silêncio é de ouro.

52) (UNIFESP-2005) Considere as afirmações:



(Veja, 12.05.2004.)

I. Os pronomes *sua* e *seu* referem-se ao receptor da mensagem, que pode ser uma pessoa do sexo masculino ou do sexo feminino.

II. Se a conjunção *Quando* fosse substituída por *Se*, os verbos teriam outra flexão.

III. Embora possua classificação gramatical diferente da conjunção *Quando*, *Se* poderia configurar na propaganda, pois apresentaria a idéia de forma coerente.

IV. Num nível de linguagem bastante informal, a última frase poderia assumir a seguinte forma: “Facinho agradar sua mãe, né?”

Estão corretas somente as afirmações:

- a) I e II.
- b) II e IV.
- c) III e IV.
- d) I, II e III.
- e) I, III e IV.

53) (FUVEST-2007) Das vãs sutilezas

Os homens recorrem por vezes a sutilezas fúteis e vãs para atrair nossa atenção. (...) Aprovo a atitude daquele personagem a quem apresentaram um homem que com tamanha habilidade atirava um grão de alpiste que o fazia passar pelo buraco de uma agulha sem jamais errar o golpe. Tendo pedido ao outro que lhe desse uma recompensa por essa habilidade excepcional, atendeu o solicitado, de maneira prazenteira e justa a meu ver, mandando entregar-lhe três medidas de alpiste a fim de que pudesse continuar a exercer tão nobre arte. É prova irrefutável da fraqueza de nosso julgamento apaixonarmos-nos pelas coisas só porque são raras e inéditas, ou ainda porque apresentam alguma dificuldade, muito embora não sejam nem boas nem úteis em si.

Montaigne, Ensaíes.

A expressão sublinhada no trecho “...ou ainda porque apresentam alguma dificuldade, muito embora não sejam nem boas nem úteis em si” pode ser substituída, sem prejuízo para o sentido, por

- a) desde que.
- b) contanto que.
- c) uma vez que.
- d) a não ser que.
- e) se bem que.

54) (Fuvest-1998) Detenho-me diante de uma lareira e olho o fogo. É gordo e vermelho, como nas pinturas antigas; remexo as brasas com o ferro, baixo um pouco a tampa de metal e então ele chia com mais força, estala, raiveja, grunhe. Abro: mais intensos clarões vermelhos lambem o grande quarto e a grande cômoda velha parece regozijar-se ao receber a luz desse honesto fogo. Há chamas douradas, pinceladas azuis, brasas rubras e outras cor-de-rosa, numa delicadeza de guache. Lá no alto, todas as minhas chaminés devem estar fumegando com seus penachos brancos na noite escura; não é a lenha do fogo, é toda a minha fragata velha que estala de popa a proa, e vai partir no mar de chuva. Dentro, leva cálidos corações.

A mesma relação semântica assinalada pela conjunção e na frase "Detenho-me diante de uma lareira e olho o fogo" encontra-se também em:

- a) E, a cada dia, você tem mais lugares onde pode contar com a comodidade de pagar suas despesas com cartões de crédito.
- b) Realizada pela primeira vez em outubro do ano passado, a Semana de Arte e Cultura da USP tenta conquistar seu espaço na agenda cultural de São Paulo.
- c) Carro quebra no meio da estrada e casal pede ajuda a um motorista que passa pelo local.
- d) Quisera falar com o ladrão, e nada fizera.
- e) E seu irmão Dito é o dono daqui?

55) (PUC-SP-2005) É CARNAVAL

E então chegava o Carnaval, registrando-se grandes comemorações ao Festival de Besteira. Em Goiânia o folião Cândido Teixeira de Lima brincava fantasiado de Papa Paulo VI e provava no salão que não é tão cândido assim, pois aproveitava o mote da marcha Máscara Negra e beijava tudo que era mulher que passasse dando sopa. Um padre local, por volta da meia-noite, recebeu uma denúncia e foi para o baile, exigindo da Polícia que o Papa de araque fosse preso. Em seguida, declarou: “Brincar o Carnaval já é um pecado grave. Brincar fantasiado de Papa é uma blasfêmia terrível.”

O caso morreu aí e nunca mais se soube o que era mais blasfêmia: um cidadão se fantasiar de Papa ou o piedoso sacerdote encanar o Sumo Pontífice.

E enquanto todos pulavam no salão, o dólar pulava no câmbio. Há coisas inexplicáveis! Até hoje não se sabe por

que foi durante o Carnaval que o Governo aumentou o dólar, fazendo muito rico ficar mais rico. E, porque o Ministro do Planejamento e seus cúmplices, aliás, digo, seus auxiliares, aumentaram o dólar e desvalorizaram o cruzeiro em pleno Carnaval, passaram a ser conhecidos por Acadêmicos do Cruzeiro - numa homenagem também aos salgueirenses que, no Carnaval de 1967, entraram pelo cano.

(PRETA, Stanislaw Ponte.FEBEAPÁ 2 - 2ª- Festival de Besteira que Assola o País. 9ª- edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993, p. 32)

Observe o enunciado a seguir:

Em Goiânia o folião Cândido Teixeira de Lima brincava fantasiado de Papa Paulo VI e provava no salão que não é tão cândido assim, pois aproveitava o mote da marcha Máscara Negra e beijava tudo que era mulher que passasse dando sopa.

As orações sublinhadas, em relação às anteriores, indicam, respectivamente, a idéia de

- a) adição e finalidade.
- b) meio e fim.
- c) alternância e oposição.
- d) adição e causa.
- e) explicação e conclusão.

**56) (PUC - RJ-2006)** Entre a desordem carnavalesca, que permite e estimula o excesso, e a ordem, que requer a continência e a disciplina pela obediência estrita às leis, como é que nós, brasileiros, ficamos? Qual a nossa relação e a nossa atitude para com e diante de uma lei universal que teoricamente deve valer para todos? Como procedemos diante da norma geral, se fomos criados numa casa onde, desde a mais tenra idade, aprendemos que há sempre um modo de satisfazer nossas vontades e desejos, mesmo que isso vá de encontro às normas do bom senso e da coletividade em geral?

Num livro que escrevi - *Carnavais, malandros e heróis* -, lancei a tese de que o dilema brasileiro residia numa trágica oscilação entre um esqueleto nacional feito de leis universais cujo sujeito era o indivíduo e situações onde cada qual se salvava e se despachava como podia, utilizando para isso o seu sistema de relações pessoais. Haveria assim, nessa colocação, um verdadeiro combate entre leis que devem valer para todos e relações que evidentemente só podem funcionar para quem as tem. O resultado é um sistema social dividido e até mesmo equilibrado entre duas unidades sociais básicas: o indivíduo (o sujeito das leis universais que modernizam a sociedade) e a pessoa (o sujeito das relações sociais, que conduz ao pólo tradicional do sistema). Entre os dois, o coração dos brasileiros balança. E no meio dos dois, a malandragem, o "jeitinho", e o famoso e antipático "sabe com quem está falando?" seriam modos de enfrentar essas contradições e paradoxos de modo tipicamente brasileiro. [...]

De fato, como é que reagimos diante de um "proibido estacionar", "proibido fumar", ou diante de uma fila quilométrica? Como é que se faz diante de um requerimento que está sempre errado? Ou diante de um prazo que já se esgotou e conduz a uma multa automática que não foi divulgada de modo apropriado pela autoridade pública? Ou de uma taxaço injusta e abusiva que o Governo novamente decidiu instituir de modo drástico e sem consulta?

Nos Estados Unidos, na França e na Inglaterra, somente para citar três bons exemplos, as regras ou são obedecidas ou não existem. Nessas sociedades, sabe-se que não há prazer algum em escrever normas que contrariam e, em alguns casos, aviltam o bom senso e as regras da própria sociedade, abrindo caminho para a corrupção burocrática e ampliando a desconfiança do poder público. Assim, diante dessa enorme coerência entre a regra jurídica e as práticas da vida diária, o inglês, o francês e o norte-americano param diante de uma placa de trânsito que ordena parar, o que - para nós - parece um absurdo lógico e social, pelas razões já indicadas. Ficamos, pois, sempre confundidos e, ao mesmo tempo, fascinados com a chamada disciplina existente nesses países. Aliás, é curioso que a nossa percepção dessa obediência às leis universais seja traduzida em termos de civilização e disciplina, educação e ordem, quando na realidade ela é decorrente de uma simples e direta adequação entre a prática social e o mundo constitucional e jurídico. É isso que faz a obediência que tanto admiramos e, também, engendra aquela confiança de que tanto sentimos falta. Porque, nessas sociedades, a lei não é feita para explorar ou submeter o cidadão, ou como instrumento para corrigir e reinventar a sociedade. Lá, a lei é um instrumento que faz a sociedade funcionar bem e isso - começamos a enxergar - já é um bocado! Claro está que um dos resultados dessa confiança é uma aplicação segura da lei que, por ser norma universal, não pode pactuar com o *privilegio* ou com a lei privada, aquela norma que se aplica diferencialmente se o crime ou a falta foi cometida por pessoas diferencialmente situadas na escala social. Isso que ocorre diariamente no Brasil, quando, digamos, um bacharel comete um assassinato e tem direito a prisão especial e um operário, diante da mesma lei, não tem igual direito porque não é, obviamente, bacharel... A destruição do *privilegio* engendrou uma justiça ágil e operativa na base do certo ou errado. Uma justiça que não aceita o mais-ou-menos e as indefectíveis gradações e hierarquias que normalmente acompanham a ritualização legal brasileira, que para todos os delitos estabelece virtualmente um peso e uma escala.

[Fragmento de "O modo de navegação social: a malandragem e o 'jeitinho'", cap. 7 de O que faz o Brasil, Brasil, de Roberto DaMatta]

- a) Em apenas um dos períodos abaixo, a conjunção **se** pode ser substituída pela conjunção condicional **caso**, sem

alterar o sentido original do texto. Selecione o período em que isso ocorre e reescreva o trecho sublinhado, substituindo *se* por *caso*. Faça as adaptações necessárias.

*Período 1: Como procedemos diante da norma geral, se fomos criados numa casa onde, desde a mais tenra idade, aprendemos que há sempre um modo de satisfazer nossas vontades e desejos, mesmo que isso vá de encontro às normas do bom senso e da coletividade em geral?* (linhas 3-6)

*Período 2: Claro está que um dos resultados dessa confiança é uma aplicação segura da lei que, por ser norma universal, não pode pactuar com o privilégio ou a lei privada, aquela norma que se aplica diferencialmente se o crime ou a falta foi cometida por pessoas diferencialmente situadas na escala social.* (linhas 35-38)

**b)** A construção abaixo é ambígua. Reescreva-a de forma a eliminar a ambigüidade, escolhendo uma de suas leituras possíveis.

*O deputado que tinha alegado imunidade parlamentar na semana passada foi preso.*

**57) (Mack-2005)** Eu também já fui brasileiro moreno como vocês.

Ponteei viola, guiei forde  
e aprendi na mesa dos bares  
que o nacionalismo é uma virtude.  
Mas há uma hora em que os bares se fecham  
e todas as virtudes se negam.

**Carlos Drummond de Andrade**

Assinale a alternativa que apresenta conjunção com sentido equivalente ao de *Mas* (sexto verso).

- Anda que anda até que desanda.
- Não só venceu mas também convenceu.
- Mas que beleza, Dona Creuza!
- Atirou-se do vigésimo sétimo andar e não se feriu.
- Há sempre um “mas” em nossos discursos.

**58) (Fuvest-2003)** Eu te amo

Ah, se já perdemos a noção da hora,  
Se juntos já jogamos tudo fora,  
Me conta agora como hei de partir...

Se, ao te conhecer, dei pra sonhar, fiz tantos desvarios,  
Rompi com o mundo, queimei meus navios,  
Me diz pra onde é que inda posso ir...

(...)

Se entornaste a nossa sorte pelo chão,  
Se na bagunça do teu coração  
Meu sangue errou de veia e se perdeu...

(...)

Como, se nos amamos como dois pagãos,  
Teus seios inda estão nas minhas mãos,  
Me explica com que cara eu vou sair...

Não, acho que estás só fazendo de conta,  
Te dei meus olhos pra tomares conta,  
Agora conta como hei de partir...  
(Tom Jobim - Chico Buarque)

Examinando-se aspectos construtivos deste texto, verifica-se que

- todas as ocorrências da conjunção se expressam uma condição, com o sentido de *no caso de*.
- o emprego de como, no início da quarta estrofe, é uma retomada de “como hei de partir”, da primeira estrofe.
- A repetição de conta, na última estrofe, reitera a mesma idéia do custo que a separação representa para o sujeito.
- o emprego da vírgula depois de Não, na última estrofe, é facultativo, uma vez que a partícula negativa tem aqui o valor de uma simples ênfase.
- o efeito dramático nele obtido nasce da reiterada oposição entre ações transcorridas no passado.

**59) (ETEs-2007)** Façamos as pazes com a Terra (fragmento)  
“O chamado que nos é feito hoje para pormos fim à guerra contra a natureza é por uma solidariedade sem precedentes com as gerações futuras. Será que, para chegar a isso, a humanidade precisará selar um novo pacto, um “contrato natural” de co-desenvolvimento com o planeta, assinando um armistício com a natureza? Precisamos da sabedoria necessária para defender uma ética para o futuro, pois, se quisermos fazer as pazes com a Terra, essa ética terá que prevalecer. Este planeta é o nosso reflexo: se ele está ferido, nós estamos feridos; se ele está mutilado, a humanidade também está.”  
(MATSUURA, Koichiro. Façamos as pazes com a Terra. In: Folha de S. Paulo, 4 de jul. 2007.)

Mãos dadas

Não serei o poeta de um mundo caduco.

Também não cantarei o mundo futuro.

Estou preso à vida e olho meus

/companheiros.

Estão taciturnos mas nutrem

/grandes esperanças.

Entre eles, considero a enorme realidade.

O presente é tão grande, não nos afastemos.

Não nos afastemos muito,

/vamos de mãos dadas.

Não serei o cantor de uma mulher,

/de uma história,

não direi os suspiros ao anoitecer,

/a paisagem vista da janela,

não distribuirei entorpecentes ou

/cartas de suicida,

não fugirei para as ilhas nem serei

/raptado por serafi ns.

O tempo é a minha matéria, o tempo

/presente, os homens presentes,

a vida presente.

(DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. "Mãos dadas". In: *Sentimento do Mundo*. Record.)

Assinale a alternativa em cujo verso a conjunção expressa oposição entre as idéias.

- a) "Também não cantarei o mundo futuro."
- b) "Estou preso à vida e olho meus companheiros."
- c) "Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças."
- d) "não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida"
- e) "não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins."

60) (FGV-1997) Figurou recentemente, num jornal da cidade, a frase abaixo:

"Embora fosse prolixo, o apresentador ultrapassou o tempo previsto."

Examine atentamente o sentido dessa frase. Se for o caso, corrija-a no que for necessário e explique o porquê da correção.

Caso você considere correta a frase, escreva apenas: A frase está correta.

61) (Mack-2001) Flores

Me mandam flores. Uma das curiosidades de minha vida. Sempre me mandam flores. Essas rosas, aí há três dias, vieram botões, abriram, já estão se despedindo. "Rose, elle a vécu ce que vivent les roses, l'espace d'un matin."\* Uma amiga me diz que aspirina prolonga a vida dessas flores, gentil desce até à farmácia, volta, enche de água o jarro (as mulheres sempre descobrem que a gente tem um jarro), põe dentro dois comprimidos. Fico olhando as flores e os gestos - há um terno eterno feminino nessa conjugação. As folhas firmam um pouco seu verde, as pétalas se enrijecem ligeiramente, ou é só impressão? Tudo é possível, quando a alma não é pequena. Estendo a mão espalmada significativamente, recebo também dois comprimidos, meio copo d'água, engulo. Amanhã desabrocho.

\* *Rosa, ela superou o tempo que vivem as rosas, o espaço de uma manhã.*

*Millôr Fernandes*

Tudo vale a pena / Se a alma não é pequena.

O se, no verso acima, equivale ao destacado em:

- a) Queria saber se o livro é este encapado de verde.
- b) Diante do colega, ele se recusou a pedir desculpas.
- c) Ele é, como se sabe, o maior especialista na decodificação desse tipo de sinal.
- d) Se você o encontrar, diga que estou com saudades dele.
- e) Não se fizeram os trabalhos, conforme o combinado.

62) (ITA-2003) Há algum tempo, apareceu na imprensa a notícia de uma controvérsia sobre a Lei de Aposentadoria, envolvendo duas teses que podem ser expressas nas sentenças abaixo:

I. Poderão aposentar-se os trabalhadores com 65 anos e 30 anos de contribuição para o INSS.

II. Poderão aposentar-se os trabalhadores com 65 anos ou 30 anos de contribuição para o INSS.

Aponte a alternativa que apresenta a interpretação que **NÃO** pode ser feita a partir dessas sentenças:

- a) de acordo com (I), para aposentar-se, uma pessoa deve ter simultaneamente, pelo menos, 65 anos de idade e, pelo menos, 30 anos de contribuição para o INSS.
- b) de acordo com (II), para aposentar-se, uma pessoa deve ter simultaneamente, pelo menos, 65 anos de idade e, pelo menos, 30 anos de contribuição para o INSS.
- c) de acordo com (II), uma pessoa que tenha 65 anos de idade e 5 anos de contribuição para o INSS poderá se aposentar.
- d) de acordo com (II), para aposentar-se, basta que uma pessoa tenha 65 anos de idade, pelo menos.
- e) de acordo com (II), para aposentar-se, basta que uma pessoa tenha contribuído para o INSS por, pelo menos, 30 anos.

63) (Mack-2001) I

A lição é que não peçais nunca dinheiro grosso aos deuses, senão com a cláusula expressa de saber que é dinheiro grosso. Sem ela, os bens são menos que as flores de um dia. Tudo vale pela consciência. (...) Passai das riquezas materiais às intelectuais: é a mesma cousa. Se o mestre-escola da tua rua imaginar que não sabe vernáculo nem latim, em vão lhe provarás que ele escreve como Vieira ou Cícero, ele perderá as noites e os sonos em cima dos livros, comerá as unhas em vez de pão, encanecerá ou encalvecerá, e morrerá crendo que mal distingue o verbo do advérbio.

*Machado de Assis*

II

Poucos dias depois morreu... Não morreu súdito nem vencido. Antes de principiar a agonia, que foi curta, pôs a coroa na cabeça,- uma coroa que não era, ao menos, um chapéu velho ou uma bacia, onde os espectadores palpassem a ilusão. Não, senhor; ele pegou em nada, levantou nada e cingiu nada; só ele via a insígnia imperial, pesada de ouro, rútila de brilhantes e outras pedras preciosas. O esforço que fizera para erguer meio corpo não durou muito; o corpo caiu outra vez; o rosto conservou porventura uma expressão gloriosa.

- Guardem a minha coroa, murmurou. Ao vencedor...

A cara ficou séria, porque a morte é séria; dous minutos de agonia, um trejeito horrível, e estava assinada a abdicação.

*Machado de Assis*

Em I, entre *Cícero* e *ele*, pode-se incluir, sem alterar o sentido original do período,

- a) no entanto.
- b) pois.
- c) ou.

- d) onde.  
e) assim.

64) (Fuvest-2004) I. Desespero meu: leitura obrigatória de livro indicado...

- II. Uma surpresa: tão bom, aquele livro!  
III. Nenhum aborrecimento na leitura.

a) Respeitando a seqüência em que estão apresentadas as três frases acima, articule-as num único período.

Empregue os verbos e os nexos oracionais necessários à clareza, à coesão e à coerência desse período.

b) Transcreva o período abaixo, virgulando-o adequadamente:

A obrigação de ler um livro como toda obrigação indispõe-nos contra a tarefa imposta mas pode ocorrer se encontrarmos prazer nessa leitura que o peso da obrigação desapareça.

65) (Fuvest-2004) Leia com atenção as seguintes frases, extraídas do termo de garantia de um produto para emagrecimento:

- I) Esta garantia ficará automaticamente cancelada se o produto não for corretamente utilizado.  
II) Não se aceitará a devolução do produto caso ele contenha menos de 60% de seu conteúdo.  
III) As despesas de transporte ou quaisquer ônus decorrente do envio do produto para troca corre por conta do usuário.

- a) Reescreva os trechos sublinhados nas frases I e II, substituindo as conjunções que os iniciam por outras equivalentes e fazendo as alterações necessárias.  
b) Reescreva a frase III, fazendo as correções necessárias.

66) (FGV-2003) Leia o fragmento abaixo, do conto A cartomante de Machado de Assis. Depois, responda às perguntas.

“Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga Rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela Rua das Mangueiras na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante.”

Observe o seguinte trecho, extraído do texto:

*Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes...*

Justifique o uso de **mas**, nesse caso.

67) (UFRJ-1996) Na verdade, à primeira vista, seu aspecto era de um velho como tantos outros, de idade indefinida, rugas, cabelos brancos, uma barba que lhe dará um vago ar de sabedoria e respeitabilidade. Mas uma certa agilidade e o porte ereto darão a impressão de que, apesar da aparência de velho, o viajante guardará o vigor da juventude. E os olhos... ah, o brilho dos olhos será absolutamente sem idade, um brilho deslumbrado como o de um bebê, curioso como o de um menino, desafiador como o de um jovem, sábio como o de um homem maduro, maroto como o de um velhinho bem-humorado que conseguisse somar tudo isso.

(MACHADO, Ana Maria. O CANTO DA PRAÇA. Rio de Janeiro: Salamandra, 1986.)

As conjunções "mas" e "e", que iniciam o segundo e o terceiro períodos, são especialmente importantes na ESTRUTURAÇÃO e no SENTIDO DO TEXTO. Explique por quê.

68) (IME-1996) Nas frases a seguir há erros ou impropriedades. Reescreva-as e justifique a correção

- a) "Não se conseguiu apurar o motivo porque a atriz se divorciou."  
b) "O milionário dispendeu milhares de dólares com aquela propaganda."

69) (Covest-1997) Nas frases publicitárias abaixo, assinale a alternativa em que a palavra sublinhada introduz uma relação de imposição:

- a) Margarina M. <Para quem> não esqueceu o paladar.  
b) O refrigerante dietético R não tem concorrente, <mas> você tem.  
c) Use sandálias S < enquanto> você combina com ela.  
d) Ande devagar, Chaupezinho, com sapatos C, <para> o lobo mau poder te pegar.  
e) Use Leite de Aveia D, <porque> sua pele merece.

70) (Mack-2004) Navegava Alexandre em uma poderosa armada pelo mar Eritreu a conquistar a Índia, e como fosse trazido à sua presença um pirata, que por ali andava roubando os pescadores, repreendeu-o muito Alexandre de andar em tão mau ofício; porém ele, que não era medroso nem lerdo, respondeu assim: Basta, senhor, que eu, porque roubo em uma barca, sou ladrão, e vós, porque roubais em uma armada, sois imperador? Assim é. O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza; o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres.

Assinale a alternativa em que a palavra "como" assume a mesma função que exerce em como fosse trazido à sua presença um pirata.

- a) Como você conseguiu chegar até aqui?
- b) Como todos podem ver, a situação não é das melhores.
- c) Não só leu os livros indicados, como também outros de interesse pessoal.
- d) Como não telefonou, resolvi procurá-lo pessoalmente.
- e) O arquiteto projetou o jardim exatamente como lhe pediram.

#### 71) (UERJ-2003) O DEFEITO

Note algo muito curioso. É o defeito que faz a gente pensar. Se o carro não tivesse parado, você teria continuado sua viagem calmamente, ouvindo música, sem sequer pensar que automóveis têm motores. *O que não é problemático não é pensado.* Você nem sabe que tem fígado até o momento em que ele funciona mal. Você nem sabe que tem coração até que ele dá umas batidas diferentes. Você nem toma consciência do sapato, até que uma pedrinha entre lá dentro. Quando está escrevendo, você se esquece da ponta do lápis até que ela quebra. Você não sabe que tem olhos - o que significa que eles vão muito bem. Você toma consciência dos olhos quando eles começam a funcionar mal. Da mesma forma que você não toma consciência do ar que respira, até que ele começa a feder... Fernando Pessoa diz que "pensamento é doença dos olhos". É verdade, mas nem toda. O mais certo seria "pensamento é doença do corpo".

Todo pensamento começa com um problema. Quem não é capaz de perceber e formular problemas com clareza não pode fazer ciência. Não é curioso que nossos processos de ensino de ciência se concentrem mais na capacidade do aluno para responder? Você já viu alguma prova ou exame em que o professor pedisse que o aluno formulasse o problema? (...) Frequentemente, fracassamos no ensino da ciência porque apresentamos soluções perfeitas para problemas que nunca chegaram a ser formulados e compreendidos pelo aluno."

(ALVES, Rubem. Filosofia da ciência: introdução ao jogo e suas regras. São Paulo: Brasiliense, 1995.)

As frases que formam um texto mantêm entre si relações semânticas que podem ser expressas por elementos lingüísticos coesivos - conectivos - ou não.

Observe estas frases do texto:

*Todo pensamento começa com um problema. Quem não é capaz de perceber e formular problemas com clareza não pode fazer ciência .*

Considerando o contexto no qual estão inseridas e a ordem em que se apresentam, identifique o tipo de relação estabelecida pelas frases entre si e cite duas conjunções que poderiam ser usadas para marcar essa relação.

72) (Fuvest-2005) O filme **Cazuza - O tempo não pára** me deixou numa espécie de felicidade pensativa. Tento explicar por quê.

Cazuza mordeu a vida com todos os dentes. A doença e a morte parecem ter-se vingado de sua paixão exagerada de viver. É impossível sair da sala de cinema sem se perguntar mais uma vez: o que vale mais, a preservação de nossas forças, que garantiria uma vida mais longa, ou a livre procura da máxima intensidade e variedade de experiências?

Digo que a pergunta se apresenta "mais uma vez" porque a questão é hoje trivial e, ao mesmo tempo, persecutória. (...) Obedecemos a uma proliferação de regras que são ditadas pelos progressos da prevenção. Ninguém imagina que comer banha, fumar, tomar pinga, transar sem camisinha e combinar, sei lá, nitratos com Viagra seja uma boa idéia. De fato não é. À primeira vista, parece lógico que concordemos sem hesitação sobre o seguinte: não há ou não deveria haver prazeres que valham um risco de vida ou, simplesmente, que valham o risco de encurtar a vida. De que adiantaria um prazer que, por assim dizer, cortasse o galho sobre o qual estou sentado?

Os jovens têm uma razão básica para desconfiar de uma moral prudente e um pouco avara que sugere que escolhamos sempre os tempos suplementares. É que a morte lhes parece distante, uma coisa com a qual a gente se preocupará mais tarde, muito mais tarde. Mas sua vontade de caminhar na corda bamba e sem rede não é apenas a inconsciência de quem pode esquecer que "o tempo não pára". É também (e talvez sobretudo) um questionamento que nos desafia: para disciplinar a experiência, será que temos outras razões que não sejam só a decisão de durar um pouco mais?

(Contardo Calligaris, **Folha de S. Paulo**)

Entre as frases "Cazuza mordeu a vida com todos os dentes" e "A doença e a morte parecem ter-se vingado de sua paixão exagerada de viver" estabelece-se um vínculo que pode ser corretamente explicitado com o emprego de a) desde que.

- b) tanto assim que.
- c) uma vez que.
- d) à medida que.
- e) apesar de que.

#### 73) (PUC-SP-1996) O MARTÍRIO DO ARTISTA

Arte ingrata! E enquanto, em desalento,  
A órbita elipsoidal dos olhos lhe arda,  
Busca exteriorizar o pensamento  
Que em suas fronetais células guarda!

Tarda-lhe a Idéia! A inspiração lhe tarda!  
E ei-lo a tremer, rasga o papel, violento,  
Como o soldado que rasgou a farda  
No desespero do último momento!

Tenta chorar e os olhos sente enxutos! ...  
É como o paraplégico que, à minguia  
Da própria voz e na que ardente o lava

Febre de em vão falar, com os dedos brutos  
Para falar, puxa e repuxa a língua,  
E não lhe vem à boca uma palavra!  
Augusto dos Anjos

Observe o emprego da partícula "e", em:

- I. "Tenta chorar e os olhos sente enxutos!..."
- II. "puxa e repuxa a língua,"
- III. "E não lhe vem a boca uma palavra!"

Analisando a relação que a referida partícula estabelece nas três construções, pode-se dizer que:

- a) nos três casos, seu valor é o mesmo, ou seja, de conjunção aditiva.
- b) em cada caso, seu valor é diferente, ou seja: em I, é de conjunção adversativa; em II, é de conjunção aditiva; em III, é de conjunção temporal.
- c) em I e em II, seu valor é de conjunção aditiva; em III é de, simplesmente, introdutora do verso.
- d) nos três casos, seu valor é o mesmo, ou seja, de conjunção adversativa.
- e) em I e III, seu valor é de conjunção adversativa; em II, seu valor é de conjunção aditiva.

#### 74) (UEMG-2006) O MUNDO

*Tornar a leitura e a escrita significativas para os jovens é um desafio para professores de português, que precisam romper as barreiras entre as salas de aula e a realidade*  
Quem nunca teve que ler uma bula de remédio? Onde encontrá-las, em caso de necessidade? (...) A maioria de nós encarou aquele texto em letras miúdas à procura de um esclarecimento sobre dose, efeitos colaterais, contra-indicações ou frequência com que o produto deve ser tomado.(...) Embora a linguagem em que o texto da bula era escrito não fosse lá muito amigável, os usuários faziam o possível para obter ao menos as informações mais importantes para não matar o paciente envenenado nem deixá-lo sem tratamento.

Há alguns meses, a agência nacional reguladora da saúde no Brasil, a Anvisa, mandou que as bulas fossem escritas para o público, e não mais para os especialistas. A idéia foi ótima e o usuário, especialmente aquele menos letrado, agradece muito que se mude o público-alvo do texto que ensina a usar os remédios.(...)

Ler a bula dos remédios é uma ação que, muito provavelmente, só acontece diante da necessidade. Se meu filho pequeno tem febre, corro para ler a bula e entender que dose de antitérmico devo administrar. Se eu tenho dor de cabeça, leio a bula do analgésico para saber como devo tomá-lo. E assim procedem outras pessoas em circunstâncias diversas. Sempre diante da necessidade e, claro, após a consulta ao médico.

Essa é a "leitura significativa" que funciona como acesso a um conhecimento, mesmo que ele seja tão circunstancial, e preparação para uma ação, mesmo que seja a de tomar um comprimido. Daí em diante, saberei o procedimento de ler bulas e talvez nem precise mais ler se me acontecer novamente a necessidade do mesmo remédio. Outras leituras significativas são o rótulo de um produto que se vai comprar, os preços do bem de consumo, o tíquete do cinema, as placas do ponto de ônibus, o regulamento de um concurso, a notícia de um jornal.

Se estou precisando trocar de carro, leio os anúncios classificados; caso queira me divertir no cinema, recorro às sinopses e às resenhas para me ajudarem a escolher o filme, o cinema e as sessões. Caso eu me sinta meio sem perspectivas, posso recorrer aos regulamentos de concurso. Nesses casos, há quem prefira as páginas do horóscopo. Também posso ler para me informar, para aprender a usar uma ferramenta, ligar um aparelho eletrônico, aumentar meu conhecimento sobre algo menos tangível ou mesmo ler para escrever em reação a algo que foi lido. Em muitos casos, posso ler para aprender.

A leitura significativa acontece diariamente com as pessoas à medida que elas interagem com o mundo e com todas as peças escritas que nos circundam. E estamos tão acostumados a isso que esquecemos de que ler é hoje algo muito trivial, especialmente para as pessoas que moram nas cidades.

Já outros gêneros de texto não são assim tão fáceis de achar. Os poemas (infelizmente!) não estão nos rótulos de embalagens nem junto aos frascos de remédio. Talvez não fossem lá muito informativos e de grande ajuda para quem está com uma lancinante dor de cabeça. Os romances não cabem nos *outdoors* e os contos não costumam acompanhar os tíquetes-refeição. Embora todas essas coisas possam se cruzar em instâncias específicas, os gêneros de texto artísticos não são tão funcionais quanto os anteriormente citados, mas também têm seus "códigos" de leitura. São lidos em momentos específicos, por exemplo: quando alguém quer ter prazer, experiência estética, conhecimento, vocabulário, etc. Em alguns casos, é necessário ler para um concurso ou para se divertir. Esta também é a leitura significativa.

E o que é que a leitura se torna quando entra pelos portões da escola? O que acontece com a leitura significativa quando ela deixa de ser feita a partir de uma necessidade ou de uma motivação mais "real" e passa a ser feita como tarefa pontuada? Como compreender a leitura de uma bula de remédio sem precisar dela? (...) Como ter prazer em ler um poema perto da hora do recreio, quando se sente mais a necessidade de ler o quadro de salgadinhos (e seus preços) na cantina da escola?

A leitura ganha contornos de "cobaia de laboratório" quando sai de sua significação e cai no ambiente artificial e na situação inventada. No entanto, é extremamente difícil para o professor, especialmente o de português, tornar a



sala de aula um ambiente confortável para a leitura significativa. Como trazer as necessidades e as motivações para dentro da sala de aula?

Quando o assunto é a escrita, a situação se agrava ainda mais. Quando é que sentimos necessidade de escrever?

Que textos são necessários à nossa comunicação diária, seja no trabalho ou entre amigos na Internet? Como agir por meio de textos em circunstâncias reais? E como trazer essas circunstâncias para a escola?

Já que o mundo inteiro não cabe numa sala, quem sabe se o professor de português saísse mais da sala de aula e levasse o aluno às situações em que ler e escrever se tornam muito tangíveis? E se a sala de aula de português não fosse tão inibitória ao encontro, à conversa e ao texto e se tornasse uma “sala ambiente”, à maneira dos professores de biologia?

Em lugar de cadeiras individuais de costas umas para as outras estariam as mesas redondas. No lugar do quadro, uma estante de livros de referência sobre língua e muitos outros assuntos. Ou talvez a biblioteca fosse muito adequada à conversão dos alunos-repetidores em alunos interventores.

Quem sabe se o professor de português fizesse a necessidade acontecer? Uma sessão de cinema de verdade pode ensinar resenhas de verdade. Um lugar onde publicar as resenhas (e aí é impossível não citar a Internet) pode transformar textos-obrigação em textos formadores de opinião, ao menos para uso daquela comunidade.

(...) ler e escrever são condutas da vida em sociedade. Não são ratinhos mortos de laboratório prontinhos para ser desmontados e montados, picadinhos e jogados fora.

Quem sabe o professor de português reconfigure a sala de aula e transforme a escola numa extensão sem muros e sem cercas elétricas do mundo de textos que a rodeia? (RIBEIRO, Ana Elisa. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 10 set.2005. Caderno PENSAR - texto adaptado)

Observe, ainda, o seguinte trecho:

“Embora a linguagem em que o texto da bula era escrito não fosse lá muito amigável...”

Assinale a alternativa em que a substituição do articulador em destaque se fez *de maneira inadequada e prejudicial* ao sentido da idéia objetivada.

- a) Apesar de a linguagem em que o texto da bula era escrito não ser lá muito amigável...
- b) Conquanto a linguagem em que o texto da bula era escrito não fosse lá muito amigável...
- c) Ainda que a linguagem em que o texto da bula era escrito não fosse lá muito amigável...
- d) Caso a linguagem em que o texto da bula era escrito não fosse lá muito amigável...

75) (ENEM-2001) O mundo é grande

O mundo é grande e cabe

Nesta janela sobre o mar.

O mar é grande e cabe

Na cama e no colchão de amar.

O amor é grande e cabe

No breve espaço de beijar.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983.

Neste poema, o poeta realizou uma opção estilística: a reiteração de determinadas construções e expressões lingüísticas, como o uso da mesma conjunção para estabelecer a relação entre as frases. Essa conjunção estabelece, entre as idéias relacionadas, um sentido de

- a) oposição.
- b) comparação.
- c) conclusão.
- d) alternância.
- e) finalidade.

76) (UFV-2005) O tabaco consome dinheiro público.

Bilhões de reais saem do bolso do contribuinte para tratar a dependência do tabaco e as graves doenças que ela causa. A dependência do tabaco também aumenta as desigualdades sociais porque muitos trabalhadores fumantes, além de perderem a saúde, gastam com cigarros o que poderia ser usado em alimentação e educação. Em muitos casos, com o dinheiro de um maço de cigarros pode-se comprar, por exemplo, um litro de leite e sete pães. Para romper com esse perverso círculo de pobreza, países no mundo inteiro estão se unindo através da Convenção-Quadro de Controle do Tabaco para conter a expansão do tabagismo e os graves danos que causa, sobretudo nos países em desenvolvimento. Incluir o Brasil nesse grupo interessa a todos os brasileiros. É um passo importante para criar uma sociedade mais justa. (Propaganda do Ministério da Saúde. Brasil um país de todos. Governo Federal, 2004.)

“A dependência do tabaco também aumenta as desigualdades sociais porque muitos trabalhadores fumantes, além de perderem a saúde [...]” O termo “além de”, neste fragmento, estabelece relação lógico-semântica de:

- a) condição.
- b) concessão.
- c) adição.
- d) conformidade.
- e) consecução.

77) (PUC-SP-2002) O TIO AQUÁTICO

Os primeiros vertebrados, que no Carbonífero deixaram a vida aquática pela vida terrestre, derivavam dos peixes ósseos pulmonados, cujas nadadeiras podiam ser roladas sob o corpo e usadas como patas sobre a terra.

Agora já estava claro que os tempos aquáticos haviam terminado, recordou o velho Qfwfq, e aqueles que se decidiam a dar o grande passo eram sempre em número

maior, não havendo família que não tivesse algum dos seus entes queridos lá no seco; todos contavam coisas extraordinárias sobre o que se podia fazer em terra firme, e chamavam os parentes. Então, os peixes jovens, já não era mais possível segurá-los; agitavam as nadadeiras nas margens lodosas para ver se funcionavam como patas, como haviam conseguido fazer os mais dotados. Mas precisamente naqueles tempos se acentuavam as diferenças entre nós: existia a família que vivia em terra havia várias gerações e cujos jovens ostentavam maneiras que já não eram de anfíbios mas quase de répteis; e existiam aqueles que ainda insistiam em bancar o peixe e assim se tornavam ainda mais peixes do que quando se usava ser peixe.

(..)

Daquela vez a visita à lagoa foi mais longa. Estendemo-nos os três sobre uma das margens em declive: o tio mais para o lado da água, mas nós também a meio banho, de tal maneira que se alguém nos visse de longe, estirados uns ao lado dos outros, não saberia dizer quem era terrestre e quem aquático.

O peixe atacou um de seus refrãos preferidos: a superioridade da respiração na água sobre a respiração aérea, com todo o repertório de suas difamações. Agora LII toma as dores e lhe dá o merecido troco!, pensava. Mas eis que se viu aquele dia que LII usava uma outra tática: discutia com ardor, defendendo nossos pontos de vista, mas ao mesmo tempo levando muito a sério os argumentos do velho N'ba N'ga.

As terras emersas, segundo o tio, eram um fenômeno limitado: iriam desaparecer assim como vieram à tona, ou, de qualquer forma, ficariam sujeitas a mutações contínuas: vulcões, glaciações, terremotos, enrugamentos do terreno, mutações de clima e de vegetação. E nossa vida nesse meio devia enfrentar transformações contínuas, mediante as quais populações inteiras iriam desaparecer, e só haveria de sobreviver quem estivesse disposto a modificar de tal forma a base de sua existência, que as razões anteriormente passíveis de tornar a vida bela de viver seriam completamente transtornadas e esquecidas. *Calvino, I (1994). As Cosmicômicas, São Paulo, Companhia das Letras, p. 71-83.*

Leia com atenção o seguinte trecho do texto:

“Então, os peixes jovens, já não era mais possível segurá-los; agitavam as nadadeiras nas margens lodosas **para** ver se funcionavam **como** patas, **como** haviam conseguido fazer os mais dotados.

**Mas** precisamente naqueles tempos se acentuavam as diferenças entre nós...”

As palavras destacadas indicam, respectivamente,

- finalidade, oposição, comparação, conformidade.
- oposição, finalidade, conformidade, oposição.
- conformidade, finalidade, oposição, comparação.
- finalidade, comparação, conformidade, oposição.
- comparação, finalidade, oposição, conformidade.

78) (FGV-2004) Observe o seguinte fragmento:

“Ou porque a sua dor era tão grande que lhe podia exprimir o amor em lágrimas desde o coração até os olhos, ou porque, selvagem mesmo, ela já tinha compreendido que a grande arma da mulher está no pranto, Ahy chorou.” O que significa **mesmo** nesse fragmento? Justifique sua resposta.

79) (FGV-2002) Observe os períodos abaixo e escolha a alternativa correta em relação à idéia expressa, respectivamente, pelas conjunções ou locuções SEM QUE, POR MAIS QUE, COMO, CONQUANTO, PARA QUE.

- Sem que respeites pai e mãe, não serás feliz.
- Por mais que corresse, não chegou a tempo.
- Como não tivesse certeza, preferiu não responder.
- Conquanto a enchente lhe ameaçasse a vida, Gertrudes negou-se a abandonar a casa.
- Mandamos colocar grades em todas as janelas para que as crianças tivessem mais segurança.

- Condição, concessão, causa, concessão, finalidade.
- Concessão, causa, concessão, finalidade, condição.
- Causa, concessão, finalidade, condição, concessão.
- Condição, finalidade, condição, concessão, causa.
- Finalidade, condição, concessão, causa, concessão.

80) (UECE-2002) OUTRO NOME DO RACISMO

Odeio surtos de bom-mocismo, remorsos súbitos, arrastões morais. Abomino a retórica politicamente correta, paternalismos vesgos, equívocos bem-intencionados.

Assisto pois com fastio e espanto às discussões sobre a implantação de um sistema de cotas, na universidade, para estudantes de pele negra. No Ceará, baseado no mesmo voluntarismo míope, tramita na Assembléia projeto que garante cotas no vestibular para estudantes da escola pública. As duas propostas padecem do mesmo pecado original: pretendem remediar uma injustiça histórica através de outra.

A perversa desigualdade brasileira tem raízes profundas, construídas ao longo de 500 anos de exploração, preconceito e exclusão. Portanto, não será resolvida na base de decretos e canetadas oficiais. O tal sistema de cotas aponta no alvo errado. Em vez de combater o problema em suas causas primeiras, procura apaziguar nossas consciências cívicas investindo contra o que, na verdade, é só uma conseqüência.

Se queremos, de fato, estabelecer políticas compensatórias a favor dos excluídos, que apontemos então nossa indignação para o coração da desigualdade: é preciso investir maciçamente na educação básica, elevando efetivamente o nível da escola pública.

Ao adotarmos cotas e cursinhos pré-universitários exclusivos para negros, estaríamos na verdade estabelecendo um retrocesso histórico, institucionalizando o questionável conceito de raça. Ressuscitaríamos assim, quem sabe, as teses de Nina Rodrigues. Reforçaríamos a idéia anacrônica de que as raças são naturais e, por conseqüência, que uma pode realmente ser superior às outras. Assim, só alimentaríamos ainda mais o preconceito. Oficializaríamos o gueto e a discriminação. Os adeptos da idéia se defendem com nova pérola do pensamento politicamente correto. Falam de uma tal "discriminação positiva". Em bom português, não passa de uma outra forma de racismo. Um racismo às avessas. Mas o mais puro e insuportável racismo. (Lira Neto. O POVO: 14/9/2001)

- Sobre o termo *pois* (*Assisto pois com fastio e espanto às...*), podemos dizer que tem a função de
- I - marcar uma relação textual-discursiva
  - II - concluir o que é enunciado no primeiro parágrafo
  - III - constituir um elo de coordenação entre orações
- É correto o que se afirma
- a) em I e II
  - b) em I e III
  - c) apenas em III
  - d) em I, II e III

81) (UFRN-2002) Palmadas fora-da-lei

A maioria das pessoas encara com naturalidade o gesto de bater nos filhos, como se a violência física fosse um instrumento legítimo (e até necessário) para a educação das crianças. É um hábito tão arraigado em nossa cultura que não é raro ouvirmos o argumento de que "os filhos já não respeitam mais seus pais porque não apanham". Mas essa agressão não deveria ser vista com tanta naturalidade, já que é uma violência proibida por lei em países como Finlândia, Suécia, Dinamarca, Chipre, Letônia, Áustria, Croácia e Noruega. E eles não são uma exceção. Alemanha, Inglaterra, Bélgica, Itália, Irlanda, Escócia, Israel e Bulgária estão caminhando na mesma direção, criando leis para proibir os pais de bater em seus filhos.

No Brasil, antes da chegada dos portugueses, os índios não tinham o costume de castigar fisicamente as crianças. Diversos relatos de padres no início da colonização revelam que, entre os índios, nem pai nem mãe agrediam seus filhos. Foram os jesuítas e os capuchinhos que introduziram o castigo físico como forma de "disciplinar" as crianças no Brasil. Durante esses 500 anos, os menores sofreram surras aplicadas com os mais insólitos instrumentos: varas de marmelo e de açaí, rabo de tatu, chicote, cintos, tamancos, chinelos, palmatórias e as próprias mãos paternas e maternas, cocres na cabeça, puxões de orelha, palmadas...

Além da covardia que está presente no ato de bater em alguém mais fraco, a violência não é, definitivamente, um bom instrumento de disciplina. Ela perde o seu efeito a longo prazo e a criança, aos poucos, teme menos a agressão física. Com o tempo, a tendência dos pais é ainda bater mais, na busca dos efeitos que haviam conseguido anteriormente. O resultado desse aumento da violência pode trazer sequelas físicas e psicológicas permanentes para as crianças. Os filhos também vão se afastando gradualmente de seus pais, pois a agressão física, em vez de fazer a criança pensar no que fez, desperta-lhe a raiva contra aquele que a agrediu.

Ao ser punida fisicamente, a criança tem a sua auto-estima comprometida – passa a se enxergar como alguém que não tem valor. Esse sentimento pode comprometer a imagem que faz de si pelo resto da vida, influenciando negativamente sua atitude durante a adolescência até a vida profissional. Como a criança pode se sentir tranqüila quan-

do sua segurança depende de uma pessoa que facilmente perde o controle e a agride? Ela também passa a omitir dos pais os seus erros, com medo da punição, e sente-se como se tivesse pago por seu erro – e acredita que por isso pode cometê-lo novamente.

Enfim, não é preciso enumerar todos os problemas que são causados pela violência familiar. Bater nos filhos é um atestado de fracasso dos pais, uma prova de que perderam o controle da situação. Por mais inofensiva que possa parecer uma "pequena palmada", é importante saber que a força física empregada pelo adulto é necessariamente desproporcional. É verdade que os castigos imoderados e cruéis estão proibidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), promulgado em 1990. Mas como definir claramente o que é castigo imoderado? Há vários casos de crianças que morreram depois de ter sido castigadas "cruelmente". Embora um tapa e um espancamento sejam diferentes, o princípio que rege os dois tipos de atitude é exatamente o mesmo: utilização da força e do poder.



Por trás da violência física está a idéia implícita de que os pais têm total direito sobre a vida e a integridade física da criança. A maioria dos adultos com que tenho contato foram educados com surras e palmadas e reproduzem esse modelo, pois acreditam que o tapa

tem a capacidade de modificar comportamentos. A meu ver, a proibição por lei de qualquer castigo físico eliminaria a violência familiar e ajudaria a formar pessoas melhores. A lei não precisa ter caráter punitivo (os pais não deveriam ser presos depois de uma palmada, a história mostra que não se deve tratar violência com violência). Mas eles deveriam ser advertidos caso fossem reincidentes, podendo até perder a posse da criança. Seriam obrigados a participar de um programa de educação, semelhante aos que já existem na legislação de trânsito. Estamos conscientes de que a lei, sozinha, não seria suficiente para impedir o comportamento violento dos pais. Somente um trabalho educativo poderia trazer a consciência de que o amor e o carinho são fundamentais para formarmos cidadãos capazes, seres humanos de verdade. ☺

PARANHOS, C. Palmada fora-da-lei. Superinteressante. São Paulo, ano 15, n. 2, p. 90, fev. 2001.

Embora um tapa e um espancamento sejam diferentes, o princípio que rege os dois tipos de atitude é exatamente o mesmo. (linhas 62 a 65)

O sentido da frase acima permanecerá inalterado, mesmo se substituirmos a conjunção embora pela locução conjuntiva

- a) contanto que.
- b) desde que.
- c) uma vez que.
- d) por mais que.

82) (Cesgranrio-1995) Por amor à Pátria

- 1 O que é mesmo a Pátria?
- 2 Houve, com certeza, uma considerável quantidade de brasileiros(as) que, na linha da própria formação, evocaram a Pátria com critérios puramente geográficos: uma vastíssima porção de terra, delimitada, porém, por tratados e convenções. Ainda bem quando acrescentaram: a Pátria é também o Povo, milhões de homens e mulheres que nasceram, moram, vivem, dentro desse território.
- 3 Outros, numerosos, aprimoraram essa noção de Pátria e pensaram nas riquezas e belezas naturais encerradas na vastidão da terra. Então, a partir das cores da bandeira, decantaram o verde das florestas, o azul do firmamento espelhado no oceano, o amarelo dos metais escondidos no subsolo. Ufanaram-se legitimamente do seu

país ou declararam, convictos, aos filhos jovens, que jamais hão-de ver país como este.

4 Foi o que fizeram todos quantos procuraram a Pátria no quase meio milênio da história do Brasil, complexa e fascinante História de conquistas e reveses, de "sangue, suor e lágrimas", mas também de esperanças e de realizações. Evocaram gestos heróicos, comovedoras lendas e sugestivas tradições.

5 Tudo isso e o formidável universo humano e sacrossanto que se oculta debaixo de tudo isso constituem a Pátria. Ela é história, é política e é religião. Por isso é mais do que o mero território. É algo de telúrico. É mais do que a justaposição de indivíduos, mas reflete a pulsação da inenarrável história de cada um.

6 A Pátria é mais do que a Nação e o Estado e vem antes deles. A Nação mais elaborada e o Estado mais forte e poderoso, se não partem da noção de Pátria e não servem para dar à Pátria sua fisionomia e sua substância interior, não têm todo o seu valor.

7 Por último, quero exprimir, com os olhos fixos na Pátria, o seu paradoxo mais estimulante. De um lado, ela é algo de acabado, que se recebe em herança.

8 Por outro lado, ela nunca está definitivamente pronta. Está em construção e só é digno dela quem colabora, em mutirão, para ir aperfeiçoando o seu ser. Independente, ela precisa de quem complete a sua independência. Democrática, ela pertence a quem tutela e aprimora a democracia. Livre, ela conta com quem salvaguarda a sua liberdade. E sobretudo, hospitaleira, fraterna, aconchegante, cordial, ela reclama cidadãos e filhos que a façam crescer mais e mais nestes atributos essenciais de concórdia, equilíbrio, harmonia, que a fazem incredivelmente Pátria - e me dá vontade de dizer, se me permitem criar um neologismo, incredivelmente Matria.

9 Pensando bem, cada brasileiro, quem quer que seja, tem o direito de esperar que os outros 140 milhões de brasileiros sejam, para ele, Pátria.

Dom Lucas Moreira Neves

(adaptação) JORNAL DO BRASIL - 08/09/93

Os elementos "mas também" (parágrafo 4) e "para dar" (parágrafo 6) conferem aos períodos, respectivamente, idéias de:

- a) oposição - causa.
- b) consecução - finalidade.
- c) acréscimo - finalidade.
- d) concessão - causa.
- e) oposição - explicação.

**83) (FGV-2001)** Religiosamente, pela manhã, ele dava milho na mão para a galinha cega. As bicadas tontas, de violentas, faziam doer a palma da mão calosa. E ele sorria. Depois a conduzia ao poço, onde ela bebia com os pés dentro da água. A sensação direta da água nos pés lhe anunciava que era hora de matar a sede; curvava o pescoço rapidamente, mas nem sempre apenas o bico

atingia a água: muita vez, no furor da sede longamente guardada, toda a cabeça mergulhava no líquido, e ela a sacudia, assim molhada, no ar. Gotas inúmeras se espargiam nas mãos e no rosto do carroceiro agachado junto do poço. Aquela água era como uma bênção para ele. Como água benta, com que um Deus misericordioso e acessível aspergisse todas as dores animais. Bênção, água benta, ou coisa parecida: uma impressão de doloroso triunfo, de sofredora vitória sobre a desgraça inexplicável, injustificável, na carícia dos pingos de água, que não enxugava e lhe secavam lentamente na pele. Impressão, aliás, algo confusa, sem requintes psicológicos e sem literatura.

Depois de satisfeita a sede, ele a colocava no pequeno cercado de tela separado do terreiro (as outras galinhas martirizavam muito a branquinha) que construía especialmente para ela. De tardinha dava-lhe outra vez milho e água e deixava a pobre cega num poleiro solitário, dentro do cercado.

Porque o bico e as unhas não mais catassem e ciscassem, puseram-se a crescer. A galinha ia adquirindo um aspecto irrisório de rapace, ironia do destino, o bico recurvo, as unhas aduncas. E tal crescimento já lhe atrapalhava os passos, lhe impedia de comer e beber. Ele notou essa miséria e, de vez em quando, com a tesoura, aparava o excesso de substância córnea no serzinho desgraçado e querido.

Entretanto, a galinha já se sentia de novo quase feliz. Tinha delidas lembranças da claridade sumida. No terreiro plano ela podia ir e vir à vontade até topar a tela de arame, e abrigar-se do sol debaixo do seu poleiro solitário. Ainda tinha liberdade - o pouco de liberdade necessário à sua cegueira. E milho. Não compreendia nem procurava compreender aquilo. Tinham soprado a lâmpada e acabou-se. Quem tinha soprado não era da conta dela. Mas o que lhe doía fundamente era já não poder ver o galo de plumas bonitas. E não sentir mais o galo perturbá-la com o seu cócô-có malicioso. O ingrato.

(João Alphonsus - *Galinha Cega*. Em MORICONI, Italo, *Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século*. São Paulo: Objetiva, 2000.)

No último parágrafo do texto, há uma frase aparentemente solta: *E milho*. Explique seu sentido, no contexto.

**84) (Fuvest-2001)** Só os roçados da morte compensam aqui cultivar, e cultivá-los é fácil: simples questão de plantar; não se precisa de limpa, de adubar nem de regar; as estiagens e as pragas fazem-nos mais prosperar; e dão lucro imediato; nem é preciso esperar pela colheita: recebe-se

na hora mesma de semear.

(*João Cabral de Melo Neto, Morte e vida severina*)

Substituindo-se os dois-pontos por uma conjunção, em “(...) pela colheita: recebe-se (...)”, mantém-se o sentido do texto APENAS em “(...) pela colheita,

- a) embora se receba (...)”..
- b) ou se recebe (...)”.
- c) ainda que se receba (...)”.
- d) já que se recebe (...)”
- e) portanto se recebe (...)”.

**85) (Mack-2002)** Sou um homem arrasado. Doença? Não. Gozo perfeita saúde.

O que estou é velho. (...) cinqüenta anos gastos sem objetivo, a maltratar-me e a maltratar os outros. O resultado é que endureci, calejei, e não é um arranhão que penetra esta casca espessa e vem ferir cá dentro a sensibilidade embotada.

Cinqüenta anos! Quantas horas inúteis! (...) Comer e dormir como um porco! (...) E depois guardar comida para os filhos, para os netos, para muitas gerações. Que estupidez! (...)

Penso em Madalena com insistência. Se fosse possível recomeçarmos ... Para que enganar-me?

Se fosse possível recomeçarmos, aconteceria exatamente o que aconteceu.

Graciliano Ramos - S. Bernardo

“O resultado é que endureci, calejei, e não é um arranhão que penetra esta casca espessa.”

A conjunção e do período acima pode ser corretamente substituída, sem prejuízo do sentido original, por:

- a) mas.
- b) portanto.
- c) pois.
- d) por que
- e) no entanto.

**86) (UFU-2006)** Tenho desprezo por gente que se orgulha da própria raça. Nem tanto pelo orgulho, sentimento menos nobre, porém inerente à natureza humana, mas pela estupidez. Que mérito pessoal um pobre de espírito pode pleitear por haver nascido branco, negro ou amarelo, de olhos azuis ou lilases?

Tradicionalmente, o conceito popular de raça está ligado a características externas do corpo humano, como cor da pele, formato dos olhos e as curvas que o cabelo faz ou deixa de fazer. Existe visão mais subjetiva?

Na Alemanha nazista, bastava ter a pele morena para o cidadão ser considerado de uma raça inferior à dos que se proclamavam arianos. Nos Estados Unidos, são classificadas como negras pessoas que no Brasil consideramos brancas; lá, os mineiros de Governador Valadares são rotulados de hispânicos. Conheci um

cientista português que se orgulhava de descender diretamente dos godos!

Há cerca de 100 mil anos, seres humanos de anatomia semelhante à da mulher e à do homem moderno migraram da África, berço de nossa espécie, para os quatro cantos do mundo. Tais ondas migratórias criaram forte pressão seletiva sobre nossos ancestrais. Não é difícil imaginar as agruras de uma família habituada ao sol da savana etíope, obrigada a adaptar-se à escuridão do inverno russo; ou as dificuldades de adaptação de pessoas acostumadas a dietas vegetarianas ao migrar para regiões congeladas.

Apesar de primatas aventureiros, éramos muito mais apegados à terra natal nessa época em que as viagens precisavam ser feitas a pé; a maioria de nossos antepassados passava a existência no raio de alguns quilômetros ao redor da aldeia natal. Como descendemos de um pequeno grupo de homínídeos africanos e o isolamento favorece o acúmulo de semelhanças genéticas, traços externos como a cor da pele, dos olhos e dos cabelos tornaram-se característicos de determinadas populações.

Mas seria possível estabelecer critérios genéticos mais objetivos para definir o que chamamos de raça? Em outras palavras: além dessa meia dúzia de aspectos identificáveis externamente, o que diferenciaria um negro de um branco ou de um asiático?

Para determinar o grau de parentesco entre dois indivíduos, os geneticistas modernos fazem comparações entre certos genes contidos no DNA de cada um.

Lembrando que os genes nada mais são do que pequenos fragmentos da molécula de DNA, a tecnologia atual permite que semelhanças e disparidades porventura existentes entre dois genes sejam detectadas com precisão.

Tecnicamente, essas diferenças recebem o nome de polimorfismos. É na análise desses polimorfismos que se baseia o teste de DNA para exclusão de paternidade, por exemplo.

Na Universidade de Stanford, Noah Rosemberg e Jonathan Pritchard testaram 375 polimorfismos genéticos em 52 grupos de habitantes da Ásia, África, Europa e das Américas. Através da comparação, conseguiram dividi-los em cinco grupos étnicos cujos ancestrais estiveram isolados por barreiras geográficas, como desertos extensos, montanhas intransponíveis ou oceanos: os africanos da região abaixo do deserto do Saara, os asiáticos do leste, os europeus e asiáticos que vivem a oeste dos Himalaias, os habitantes da Nova Guiné e Melanésia e os indígenas das Américas.

No entanto, quando os autores tentaram atribuir identidade genética aos habitantes do sul da Índia, verificaram que seus traços eram comuns a europeus e a asiáticos, observação consistente com a influência exercida por esses povos naquela área do país.

A conclusão é que só é possível identificar grupos de indivíduos com semelhanças genéticas ligadas a suas

origens geográficas quando descendem de populações isoladas por barreiras que impediram a miscigenação. Mas o conceito popular de raça está distante da complexidade das análises de polimorfismos genéticos: para o povo, raça é questão de cor da pele, tipo de cabelo e traços fisionômicos.

Nada mais primário!

Essas características sofreram forte influência do processo de seleção natural que, no decorrer da evolução de nossa espécie, eliminou os menos aptos. Pessoas com mesma cor de pele podem apresentar profundas divergências genéticas, como é o caso de um negro brasileiro comparado com um aborígine australiano ou com um árabe de pele escura.

Ao contrário, indivíduos semelhantes geneticamente, quando submetidos a forças seletivas distintas, podem adquirir aparências diversas. Nos transplantes de órgãos, ninguém é louco de escolher um doador apenas por ser fisicamente parecido ou por ter cabelo crespo como o do receptor.

Excluídos os gêmeos univitelinos, entre os 6 bilhões de seres humanos não existem dois indivíduos geneticamente idênticos. Dos 30 mil genes que formam nosso genoma, os responsáveis pela cor da pele e pelo formato do rosto não passam de algumas dezenas.

Como as combinações de genes maternos e paternos admitem infinitas alternativas, teoricamente pode haver mais identidade genética entre dois estranhos do que entre primos consanguíneos; entre um negro brasileiro e um branco argentino, do que entre dois negros sul-africanos ou dois brancos noruegueses.

Dráuzio Varela. *Folha de S. Paulo*, 1º de abril de 2006.

Assinale a **ÚNICA** alternativa em que o termo em destaque expressa exemplificação.

a) "...conseguiram dividi-los em cinco grupos étnicos cujos ancestrais estiveram isolados por barreiras geográficas, **como** desertos extensos, montanhas intransponíveis ou oceanos..." (linhas 42-44)

b) "**Como** descendemos de um pequeno grupo de hominídeos africanos e o isolamento favorece o acúmulo de semelhanças genéticas..." (linhas 24-25)

c) "Nos Estados Unidos, são classificadas **como** negras pessoas que no Brasil consideramos brancas..." (linhas 9-11)

d) "...ninguém é louco de escolher um doador apenas por ser fisicamente parecido ou por ter cabelo crespo **como** o do receptor." (linhas 66-67)

87) (UFU-2006) Tenho desprezo por gente que se orgulha da própria raça. Nem tanto pelo orgulho, sentimento menos nobre, porém inerente à natureza humana, mas pela estupidez. Que mérito pessoal um pobre de espírito pode pleitear por haver nascido branco, negro ou amarelo, de olhos azuis ou lilases?

Tradicionalmente, o conceito popular de raça está ligado a características externas do corpo humano, como cor da pele, formato dos olhos e as curvas que o cabelo faz ou deixa de fazer. Existe visão mais subjetiva?

Na Alemanha nazista, bastava ter a pele morena para o cidadão ser considerado de uma raça inferior à dos que se proclamavam arianos. Nos Estados Unidos, são classificadas como negras pessoas que no Brasil consideramos brancas; lá, os mineiros de Governador Valadares são rotulados de hispânicos. Conheci um cientista português que se orgulhava de descender diretamente dos godos!

Há cerca de 100 mil anos, seres humanos de anatomia semelhante à da mulher e à do homem moderno migraram da África, berço de nossa espécie, para os quatro cantos do mundo. Tais ondas migratórias criaram forte pressão seletiva sobre nossos ancestrais. Não é difícil imaginar as agruras de uma família habituada ao sol da savana etíope, obrigada a adaptar-se à escuridão do inverno russo; ou as dificuldades de adaptação de pessoas acostumadas a dietas vegetarianas ao migrar para regiões congeladas.

Apesar de primatas aventureiros, éramos muito mais apegados à terra natal nessa época em que as viagens precisavam ser feitas a pé; a maioria de nossos antepassados passava a existência no raio de alguns quilômetros ao redor da aldeia natal. Como descendemos de um pequeno grupo de hominídeos africanos e o isolamento favorece o acúmulo de semelhanças genéticas, traços externos como a cor da pele, dos olhos e dos cabelos tornaram-se característicos de determinadas populações.

Mas seria possível estabelecer critérios genéticos mais objetivos para definir o que chamamos de raça? Em outras palavras: além dessa meia dúzia de aspectos identificáveis externamente, o que diferenciaria um negro de um branco ou de um asiático?

Para determinar o grau de parentesco entre dois indivíduos, os geneticistas modernos fazem comparações entre certos genes contidos no DNA de cada um.

Lembrando que os genes nada mais são do que pequenos fragmentos da molécula de DNA, a tecnologia atual permite que semelhanças e disparidades porventura existentes entre dois genes sejam detectadas com precisão.

Tecnicamente, essas diferenças recebem o nome de polimorfismos. É na análise desses polimorfismos que se baseia o teste de DNA para exclusão de paternidade, por exemplo.

Na Universidade de Stanford, Noah Rosemberg e Jonathan Pritchard testaram 375 polimorfismos genéticos em 52 grupos de habitantes da Ásia, África, Europa e das Américas. Através da comparação, conseguiram dividi-los em cinco grupos étnicos cujos ancestrais estiveram isolados por barreiras geográficas, como desertos extensos, montanhas intransponíveis ou oceanos: os africanos da região abaixo do deserto do Saara, os

asiáticos do leste, os europeus e asiáticos que vivem a oeste dos Himalaias, os habitantes da Nova Guiné e Melanésia e os indígenas das Américas.

No entanto, quando os autores tentaram atribuir identidade genética aos habitantes do sul da Índia, verificaram que seus traços eram comuns a europeus e a asiáticos, observação consistente com a influência exercida por esses povos naquela área do país.

A conclusão é que só é possível identificar grupos de indivíduos com semelhanças genéticas ligadas a suas origens geográficas quando descendem de populações isoladas por barreiras que impediram a miscigenação. Mas o conceito popular de raça está distante da complexidade das análises de polimorfismos genéticos: para o povo, raça é questão de cor da pele, tipo de cabelo e traços fisionômicos.

Nada mais primário!

Essas características sofreram forte influência do processo de seleção natural que, no decorrer da evolução de nossa espécie, eliminou os menos aptos. Pessoas com mesma cor de pele podem apresentar profundas divergências genéticas, como é o caso de um negro brasileiro comparado com um aborígene australiano ou com um árabe de pele escura.

Ao contrário, indivíduos semelhantes geneticamente, quando submetidos a forças seletivas distintas, podem adquirir aparências diversas. Nos transplantes de órgãos, ninguém é louco de escolher um doador apenas por ser fisicamente parecido ou por ter cabelo crespo como o do receptor.

Excluídos os gêmeos univitelinos, entre os 6 bilhões de seres humanos não existem dois indivíduos geneticamente idênticos. Dos 30 mil genes que formam nosso genoma, os responsáveis pela cor da pele e pelo formato do rosto não passam de algumas dezenas.

Como as combinações de genes maternos e paternos admitem infinitas alternativas, teoricamente pode haver mais identidade genética entre dois estranhos do que entre primos consanguíneos; entre um negro brasileiro e um branco argentino, do que entre dois negros sul-africanos ou dois brancos noruegueses.

Dráuzio Varela. *Folha de S. Paulo*, 1º de abril de 2006.

Observe o período abaixo.

...só é possível identificar grupos de indivíduos com semelhanças genéticas ligadas a suas origens geográficas **quando** descendem de populações isoladas... (linhas 52-54)

Assinale a **ÚNICA** alternativa em que a substituição do termo em destaque mantém a mesma relação de sentido entre as proposições.

- a) porque
- b) se
- c) pois
- d) posto que

#### 88) (UECE-2002) Texto AS IRACEMAS DO CEARÁ

Em pleno domingo, ao pino do sol, procurávamos, entre o pouco verde que ainda resta, entre as pequenas estradas de Caucaia, a índia que recebera o mesmo nome da virgem dos lábios de mel de José de Alencar. Ao encontrá-la, algumas semelhanças nos vêm à mente. Os cabelos são negros como asa de graúna só que ficam presos no topo da cabeça. O pé é pequeno e grácil, mas não aparece nu e sim calçado em uma chinela de borracha. Está ali uma outra Iracema, está ali também o retrato das índias de agora, longe do traço romanesco do poeta-romancista. Esta Iracema, de sobrenome Matos Mesquita, traça uma história diferente daquela dos seus antepassados (...). Até pouco tempo atrás ensinava os guris da aldeia da Lagoa, embaixo de uma cajazeira. Iracema trocou os livros e as cantigas de meninos para tornar-se agente de saúde. "O trabalho da índia não é mais diferente do da mulher branca. Antes, ela ia para a mata, plantava e fazia artesanato. Agora, algumas vendem frutas e peixes em Fortaleza e outras ou são professoras ou apenas domésticas", explica Iracema. Da antiga imagem das mulheres de seios de fora, saia de palha e cocar na cabeça resta muito pouco. As mulheres indígenas não esperam mais aquilo que a terra sob os pés tem a oferecer. (...) Apenas algumas índias conhecem a saga da virgem dos lábios de mel. "Nós fomos abandonados como a Iracema do livro. Só que abandonados pelas autoridades. Hoje, a situação está mudando um pouco porque não ficamos mais calados e descobrimos que temos direitos. E estamos lutando por eles", enfatiza a Iracema dos Tapebas. (Ana Naddaf e Marisa A. de Britto Xavier. O POVO. 18/4/1999)

O elemento coesivo *só que*, como o *mas*, opõe idéias. No texto em estudo, pode-se afirmar que *só que*

- a) tem a mesma força argumentativa que *mas*
- b) intensifica, mais do que *mas*, a oposição das idéias
- c) minimiza o contraste estabelecido entre as duas informações
- d) acrescenta à informação uma forte carga pejorativa

#### 89) (PUC - RJ-2007) TEXTO 1

A revolução do cérebro

O seu cérebro é capaz de quase qualquer coisa. Ele consegue parar o tempo, ficar vários dias numa boa sem dormir, ler pensamentos, mover objetos a distância e se reconstruir de acordo com a necessidade. Parecem superpoderes de histórias em quadrinhos, mas são apenas algumas das descobertas que os neurocientistas fizeram ao

longo da última década. Algumas dessas façanhas sempre fizeram parte do seu cérebro e só agora conseguimos perceber. Outras são fruto da ciência: ao decifrar alguns mecanismos da nossa mente, os pesquisadores estão encontrando maneiras de realizar coisas que antes pareciam impossíveis. O resultado é uma revolução como nenhuma outra, capaz de mudar não só a maneira como entendemos o cérebro, mas também a imagem que fazemos do mundo, da realidade e de quem somos nós. [...]

O seu corpo, ao que parece, é muito pequeno para conter uma máquina tão poderosa quanto o cérebro. Prova disso veio em julho, quando foram divulgadas as aventuras de Matthew Nagle, um americano que ficou paralisado em uma briga em 2001. Três anos depois, cientistas da Universidade Brown, EUA, e de quatro outras instituições implantaram eletrodos na parte do cérebro dele responsável pelos movimentos dos braços e registraram os disparos de mais de 100 neurônios. Enviados a um computador, esses sinais permitiram que ele controlasse um cursor em uma tela, abrisse e-mails, jogasse videogames e comandasse um braço robótico. Somente com o pensamento, Nagle conseguiu mover objetos. [...]

Foi [...] uma prova de que o nosso cérebro é capaz de comandar objetos fora do corpo – uma idéia que pode mudar nossa relação com o mundo.

Extraído da Revista Superinteressante, Editora Abril, agosto de 2006, pp.50-59.

## TEXTO 2

### O século louco

Do século XX, no futuro, se dirá que foi louco. Um século que usou ao máximo o poder do cérebro para manipular as coisas do mundo e não usou o coração para fazer isso com sentimento solidário.

Um século no qual a palavra inteligência perdeu o seu sentido pleno, porque o raciocínio foi capaz de manipular a natureza nos limites da curiosidade científica, mas não foi usado para fazer um mundo melhor e mais belo para todos. A inteligência do século XX foi burra. Foi capaz de fabricar uma bomba atômica, liberar a energia escondida dentro dos átomos, mas incapaz de evitar que se usassem duas delas, matando centenas de milhares de pessoas. O que se pode dizer da bomba atômica, como símbolo do século XX, vale para o conjunto das técnicas usadas nestes cem anos loucos: fomos capazes de tudo, menos de fazer o mundo mais decente – como teria sido possível.

Vivemos um tempo em que a inteligência humana conseguiu fazer robôs que substituem os trabalhadores, mas no lugar de libertar o homem da necessidade do trabalho, os robôs provocam a miséria do desemprego. Inventamos a maravilha do automóvel e aumentamos o tempo perdido para ir de casa ao trabalho. Fizemos armas inteligentes, que acertam os alvos sem necessidade de

arriscar a vida de pilotos, mas põem em risco a paz entre os povos.[...]

BUARQUE, Cristovam. Os instrangeiros. A aventura da opinião na fronteira dos séculos.

Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2002, pp. 113-115.

**a)** Retire, do Texto 1, uma expressão que tem um caráter excessivamente informal em relação ao restante do mesmo.

**b)** Fazendo todas as modificações necessárias, reescreva o período abaixo sem empregar a conjunção integrante “que”. “Enviados a um computador, esses sinais permitiram que ele controlasse um cursor em uma tela, abrisse e-mails, jogasse videogame e comandasse um braço robótico.”

**c)** Reescreva o período abaixo, utilizando a conjunção “embora” para marcar a relação estabelecida entre as duas orações. “Inventamos a maravilha do automóvel e aumentamos o tempo perdido para ir de casa ao trabalho.”

## 90) (UFRJ-206) TEXTO II: De manhã

O hábito de estar aqui agora aos poucos substitui a compulsão de ser o tempo todo alguém ou algo. Um belo dia - por algum motivo é sempre dia claro nesses casos - você abre a janela, ou abre um pote de pêssegos em calda, ou mesmo um livro que nunca há de ser lido até o fim e então a idéia irrompe, clara e nítida: É necessário? Não. Será possível? De modo algum. Ao menos dá prazer? Será prazer essa exigência cega a latejar na mente o tempo todo? Então por quê? E neste exato instante você por fim entende, e refestela-se a valer nessa poltrona, a mais cômoda da casa, e pensa sem rancor: Perdi o dia, mas ganhei o mundo. (Mesmo que seja por trinta segundos.)

(BRITO, Paulo Henriques. As três epifanias - III. In: BRITO, P. H. *Macau*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 72-73)

A conjunção adversativa *mas*, utilizada no penúltimo verso do texto II, além de implicar contraste, desempenha papel argumentativo específico.

Explique esse papel.

## 91) (Mack-2006) Texto I





Era uma simples manifestação de um sentimento geral e era contra esse sentimento, aos poucos descoberto por mim, que eu me revoltava. Vim descendo a rua, e perdendo-me aos poucos no meu próprio raciocínio. Preliminarmente descobria-lhe absurdos, voltava ao interior, misturava os dois, embrulhava-me. No largo do Machado, contemplei durante momentos aquela igreja de frontão grego e colunas dóricas e tive a sensação de estar em país estrangeiro.

(Lima Barreto. Recordações do escrivão Isaías Caminha. 3. Ed. São Paulo: Ática, 1994, p. 69-70.)

Assinale a alternativa que preenche as lacunas

**corretamente:**

“Indaguei-lhe \_\_\_\_\_ não servia como seu funcionário, \_\_\_\_\_? Ele, desatento, não me respondeu o \_\_\_\_\_.”

- a) porque, por que, porquê.
- b) por que, por quê, porquê.
- c) por que, porquê, por que.
- d) porque, porque, por quê.
- e) porquê, por quê, porque.

94) (ENEM-2002) A crônica muitas vezes constitui um espaço para reflexão sobre aspectos da sociedade em que vivemos.

*“Eu, na rua, com pressa, e o menino segurou no meu braço, falou qualquer coisa que não entendi. Fui logo dizendo que não tinha, certa de que ele estava pedindo dinheiro. Não estava. Queria saber a hora.*

*Talvez não fosse um Menino De Família, mas também não era um Menino De Rua. É assim que a gente divide. Menino De Família é aquele bem-vestido com tênis da moda e camiseta de marca, que usa relógio e a mãe dá outro se o dele for roubado por um Menino De Rua. Menino De Rua é aquele que quando a gente passa perto segura a bolsa com força porque pensa que ele é pivete, trombadinha, ladrão. (...) Na verdade não existem meninos De rua. Existem meninos NA rua. E toda vez que um menino está NA rua é porque alguém o botou lá. Os meninos não vão sozinhos aos lugares. Assim como são postos no mundo, durante muitos anos também são postos onde quer que estejam. Resta ver quem os põe na rua. E por quê.”*

COLASSANTI, Marina. In: *Eu sei, mas não devia*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

No terceiro parágrafo em “... não existem meninos De rua. Existem meninos NA rua.”, a troca de De pelo NA determina que a relação de sentido entre “menino” e “rua” seja

- a) de localização e não de qualidade.
- b) de origem e não de posse.
- c) de origem e não de localização.
- d) de qualidade e não de origem.
- e) de posse e não de localização.

95) (Covest-1997) Assinale a alternativa correta no que se refere ao uso dos pronomes:

- a) Não acredito que entre mim e você surjam problemas deste tipo.
- b) Espere-me, pois estarei consigo na próxima semana.
- c) Não há qualquer afinidade entre eu e eles.
- d) Estas flores chegaram para tu.
- e) Pedi que deixasse o documento para mim assinar.

96) (Mack-2004) Há no Brasil grandíssimas matas de árvores agrestes, cedros, carvalhos, vinháticos, angelins e outras não conhecidas em Espanha, de madeiras fortíssimas para se poderem fazer delas fortíssimos galeões e, o que mais é, que da casca de algumas se tira a estopa para se calafetarem e fazerem cordas para enxárcia e amarras, do que tudo se aproveitam os que querem cá fazer navios, e se pudera aproveitar el-rei se cá os mandara fazer.

**Obs.:** enxárcia — conjunto de cabos e degraus roliços feitos de cabo (‘corda’), madeira ou ferro, que sustentam mastros de embarcações a vela

Considerando sempre o contexto, assinale a alternativa correta.

- a) Substituindo “haver” por “existir”, na frase Há no Brasil grandíssimas matas de árvores, a forma correta é: “Existe no Brasil”.
- b) Em grandíssimas matas **de** árvores agrestes, o termo destacado estabelece relação de “constituição”.
- c) Em se tira a estopa **para se calafetarem**, o segmento destacado expressa idéia de “meio com o qual se obtém um certo resultado”.
- d) Nas linhas finais, aparecem dois pronomes **os** (**os** que querem; **os** mandara fazer), e eles têm o mesmo referente.
- e) A frase se cá os mandara fazer traz subentendida a seguinte idéia: el-rei é um dos que efetivamente aproveitam tudo das árvores encontradas no Brasil.

97) (FEI-1997) “Não é o homem um mundo pequeno que está dentro do mundo grande, mas é um mundo grande que está dentro do pequeno. Baste \*por prova o coração humano, que sendo uma pequena parte do homem, excede na capacidade a toda a grandeza do mundo. (...) O mar, com ser um monstro, \* indômito, chegando às areias, pára; as árvores, onde \*as põem, não se mudam; os peixes contentam-se com o mar, as aves com o ar, os outros animais com a terra. Pelo contrário, o homem, monstro ou quimera de todos os elementos, em nenhum lugar \*pára, com nenhuma fortuna se contenta, nenhuma ambição ou apetite o falta: tudo confunde e como é maior que o mundo, não cabe nele”.

Observe as palavras indicadas no texto: “por” (ref. 1); “indômito” (ref. 2); “as” (ref. 3); “pára” (ref. 4). Assinale a

alternativa que analise corretamente a classe gramatical destas palavras:

- verbo - substantivo - pronome - preposição.
- preposição - substantivo - artigo - verbo.
- verbo - adjetivo - artigo - verbo.
- preposição - adjetivo - artigo - preposição.
- preposição - adjetivo - pronome - verbo.

98) (IME-1996) Nas frases a seguir há erros ou impropriedades. Reescreva-as e justifique a correção.

- "Esta é uma tarefa para mim fazer sozinho, não admito que se reparta as responsabilidades entre eu e outra pessoa."
- "Ele tomou as decisões as mais oportunas."

99) (FGV-2005) No quarto parágrafo, é possível acrescentar uma preposição combinada com um artigo. Qual é a combinação? Em que frase ela pode aparecer? Justifique.

- HORA DA SESTA. Um grande silêncio no casarão.
- Faz sol, depois de uma semana de dias sombrios e úmidos.
- Clarissa abre um livro para ler. Mas o silêncio é tão grande que, inquieta, ela torna a pôr o
- volume na prateleira, ergue-se e vai até a janela, para ver um pouco de vida.
- Na frente da farmácia está um homem metido num grosso sobretudo cor de chumbo. Um
- cachorro magro atravessa a rua. A mulher do coletor aparece à janela. Um rapaz de pés
- descalços entra na Panificadora.
- Clarissa olha para o céu, que é dum azul tímido e desbotado, olha para as sombras fracas
- sobre a rua e depois se volta para dentro do quarto.
- Aqui faz frio. Lá no fundo do espelho está uma Clarissa indecisa, parada, braços caídos,
- esperando. Mas esperando quê?
- Clarissa recorda. Foi no verão. Todos no casarão dormiam. As moscas dançavam no ar,
- zumbindo. Fazia um solão terrível, amarelo e quente. No seu quarto, Clarissa não sabia que
- fazer. De repente pensou numa travessura. Mamãe guardava no sótão as suas latas de
- doce, os seus bolinhos e os seus pães que deviam durar toda a semana. Era proibido entrar
- lá. Quem entrava, dos pequenos, corria o risco de levar palmadas no lugar de
- costume.
- Mas o silêncio da sesta estava cheio de convites traiçoeiros. Clarissa ficou pensando.
- Lembrou-se de que a chave da porta da cozinha servia no quatinho do sótão.
- Foi buscá-la na ponta dos pés. Encontrou-a no lugar. Subiu as escadas devagarinho. Os

- degraus rangiam e a cada rangido ela levava um sustinho que a fazia estremeecer.
- Clarissa subia, com a grande chave na mão. Ninguém... Silêncio...
- Diante da porta do sótão, parou, com o coração aos pulos. Experimentou a chave. A
- princípio não entrava bem na fechadura. Depois entrou. Com muita cautela, abriu a porta e
- se viu no meio duma escuridão perfumada, duma escuridão fresca que cheirava a doces,
- bolinhos e pão.
- Comeu muito. Desceu cheia de medo. No outro dia D. Clemência descobriu a violação, e
- Clarissa levou meia dúzia de palmadas.
- Agora ela recorda... E de repente se faz uma grande claridade, ela tem a grande idéia. "A
- chave da cozinha serve na porta do quarto do sótão." O quarto de Vasco fica no sótão...
- Vasco está no escritório... Todos dormem... Oh!
- E se ela fosse buscar a chave da cozinha e subisse, entrasse no quarto de Vasco e
- descobrisse o grande mistério?
- Não. Não sou mais criança. Não. Não fica direito uma moça entrar no quarto dum rapaz.
- Mas ele não está lá... que mal faz? Mesmo que estivesse, é teu primo. Sim, não sejas
- medrosa. Vamos. Não. Não vou. Podem ver. Que é que vão pensar? Subo a escada,
- alguém me vê, pergunta: "Aonde vais, Clarissa?" Ora, vou até o quatinho das malas.
- Pronto. Ninguém pode desconfiar. Vou. Não, não vou. Vou, sim!

(Porto Alegre: Globo, 1981. pp. 132-133)

100) (ITA-2005) O projeto Montanha Limpa, desenvolvido desde 1992, por meio da parceria entre o Parque Nacional de Itatiaia e a DuPont, visa amenizar os problemas causados pela poluição em forma de lixo deixado por visitantes desatentos.

(Folheto do Projeto Montanha Limpa do Parque Nacional de Itatiaia).

A preposição que indica que o Projeto Montanha Limpa continua até a publicação do Folheto é

- entre.
- por (por visitantes)..
- em.
- por (pela poluição).
- desde

101) (FGV-2004) Observe o fragmento:

"Era no tempo que ainda os portugueses não haviam sido por uma tempestade empurrados para a terra de Santa Cruz."

É possível acrescentar aí uma preposição. Transcreva o fragmento, mas inclua essa preposição.

102) (FGV-2003) Observe os termos sublinhados nas seguintes frases:

*Chegou a hora do público se manifestar contra a publicação desse impostor.*  
*As palmas do público ecoavam pelo teatro, em apoio à proposta de Nabuco.*  
*Vista do público, a cantora parecia bonita; da coxia, percebia-se que era feia.*

**Sobre eles, é correto afirmar:**

- a) Para o segundo exemplo, vários gramáticos recomendam a forma de o em lugar de do, porque a preposição está regendo o sujeito.
- b) Para o terceiro exemplo, vários gramáticos recomendam a forma de o em lugar de do, porque a preposição está regendo o sujeito.
- c) Nos três exemplos, os termos sublinhados exercem a mesma função sintática de adjunto adverbial.
- d) No primeiro e no segundo exemplos, os termos sublinhados exercem a mesma função sintática de adjunto adnominal.
- e) Para o primeiro exemplo, vários gramáticos recomendam a forma de o em lugar de do, porque o público é sujeito, que não deve ser iniciado por preposição.

103) (ITA-1996) OS CÃES

- Lutar. Podes escachá-los ou não; o essencial<sup>1</sup> é que lutes. Vida é luta. Vida sem luta\* é um mar morto no centro do organismo universal.

DAÍ A POUCO demos COM UMA BRIGA de cães\*; fato que AOS OLHOS DE UM HOMEM VULGAR não teria valor, Quincas Borba fez-me parar e observar os cães. Eram dois. Notou que ao pé deles\* estava um osso, MOTIVO DA GUERRA, e não deixou de chamar a minha atenção para a circunstância de que o osso não tinha carne. Um simples osso nu. Os cães mordiam-se\*, rosnavam, COM O FUROR NOS OLHOS... Quincas Borba meteu a bengala DEBAIXO DO<sup>5</sup> BRAÇO, e parecia em êxtase.

- Que belo que isto é! dizia ele de quando em quando. Quis arrancá-lo dali, mas não pude; ele estava arraigado AO CHÃO, e só continuou A ANDAR, quando a briga cessou\* INTEIRAMENTE, e um dos cães, MORDIDO e vencido, foi levar a sua fome A OUTRA PARTE. Notei que ficara sinceramente ALEGRE, posto<sup>6</sup> contivesse a ALEGRIA, segundo convinha a um grande filósofo. Fez-me observar a beleza do espetáculo, lembrou o objeto da luta, concluiu que os cães tinham fome; mas a privação do alimento era nada para os efeitos gerais da filosofia. Nem deixou de recordar que em algumas partes do globo o espetáculo é mais grandioso: as criaturas humanas é que disputam aos cães os ossos e outros manjares menos APETECÍVEIS; luta

que se complica muito, porque entra em ação a inteligência do homem, com todo o acúmulo de sagacidade que lhe deram os séculos etc.

Identificadas as classes das palavras retiradas do texto e relacionando a primeira relação à segunda, assinale a seqüência correta a seguir:

- (1) adjetivo
- (2) substantivo
- (3) verbo
- (4) pronome
- (5) advérbio
- (6) conjunção
- (7) preposição
- (8) locução adjetiva
- (9) locução adverbial
- (10) locução substantiva
- (11) locução prepositiva

- ( ) o essencial (referência 1)
- ( ) sem luta (referência 2)
- ( ) de cães (referência 3)
- ( ) ao pé deles (referência 4)
- ( ) debaixo do (referência 5)
- ( ) posto (referência 6)

- a) 1-8-8-9-11-3
- b) 1-9-8-9-7-3
- c) 2-8-8-9-11-6
- d) 2-9-10-10-9-11
- e) 2-8-8-10-9-6

104) (UNIFESP-2004) TEXTO 1

... a serpente mostrava ser a mais cautelosa de todos os animais selváticos do campo, que Jeová Deus havia feito. Assim, ela começou dizer à mulher: "É realmente assim que Deus disse, que não deveis comer de toda árvore do jardim?" A isso a mulher disse à serpente: "Do fruto das árvores do jardim podemos comer. Mas quanto a comer do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: 'Não deveis comer dele, não, nem deveis tocar nele, para que não morrais.'" A isso a serpente disse à mulher: "Positivamente não morrereis. Porque Deus sabe que, no mesmo dia que em que comerdes dele, forçosamente se abrirão os vossos olhos e forçosamente sereis como Deus, sabendo o que é bom e o que é mau."

Conseqüentemente, a mulher viu que a árvore era boa para alimento e que era algo para os olhos anelarem, sim, a árvore desejável para se contemplar. De modo que começou a tomar do seu fruto e a comê-lo. Depois deu também dele a seu esposo, quando estava com ela, e ele começou a comê-lo. Abriram-se então os olhos e começaram a perceber que estavam nus. Por isso coseram

folhas de figueira e fizeram para si coberturas para os lombos.

(Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas.)

## TEXTO 2

Você já ouviu a história de Adão e Eva?

Se não leu, certamente ouviu alguém contar, e deve se lembrar do que aconteceu com os dois. Com os dois e com a serpente, é claro.

Conta a Bíblia que Adão e Eva viviam muito felizes no Paraíso, onde só havia uma proibição: eles não podiam experimentar o gosto da maçã.

Adão, mais obediente, bem que não queria comer a tal da maçã. Mas Eva falou tão bem dela, fez com que parecesse tão gostosa, que o pobre coitado não resistiu.

Foi dar a primeira mordida e perder o lugar no Paraíso...

Se Eva vivesse hoje, seria uma ótima publicitária, uma profissional de propaganda. Afinal, ela soube convencer Adão de que valia a pena pagar um preço tão alto por uma simples maçã.

Mas, se a gente pensar bem, Eva não foi a primeira publicitária.

Antes dela, houve uma outra, a serpente. Simbolizando o demônio, foi a serpente que criou, na mulher, o desejo de experimentar o fruto proibido.

E, assim, nasceu a propaganda.

(André Carvalho & Sebastião Martins. Propaganda.)

A alternativa em que o uso da preposição em destaque tem função mais estilística do que gramatical é

- a) ... quando estava **com** ela...
- b) **Do** fruto das árvores do jardim podemos comer.
- c) ... e fizeram para si coberturas **para** os lombos.
- d) ... ela começou dizer **à** mulher...
- e) Depois deu também dele **a** seu esposo ...

## 105) (Fatec-2002) Texto I

Então Macunaíma pôs reparo numa criadinha com um vestido de linho amarelo pintado com extrato de tatajuba.

Ela já ia atravessando atravessando o corgo pelo pau.

Depois dela passar o herói gritou pra pinguela:

- Viu alguma coisa, pau?

- Via a graça dela!

- Quá! quá! quá quaquá!...

Macunaíma deu uma grande gargalhada. Então seguiu atrás do par. Eles já tinham brincado e descansavam na beira da lagoa. A moça estava sentada na borda duma igarité encalhada na praia. Toda nua inda do banho comia tambiús vivos, se rindo pro rapaz. Ele deitara de bruços na água rente dos pés da moça e tirava os lambarizinhos da lagoa pra ela comer. A crilada das ondas amontoava nas costas dele porém escorregando no corpo nu molhado caía de novo na lagoa com risadinhas de pingos. A moça batia com os pés n'água e era feito um repuxo roubado da Luna espirrando jeitoso, cegando o rapaz. Então ele enfiava a cabeça na lagoa e trazia a boca cheia de água. A moça apertava com os pés as bochechas dele e recebia o jato em

cheio na barriga, assim. A brisa fiava a cabeleira da moça esticando de um em um os fios lisos na cara dela. O moço pôs reparo nisso. Firmando o queixo no joelho da companheira ergueu o busto da água, estirou o braço pro alto e principiou tirando os cabelos da cara da moça pra que ela pudesse comer sossegada os tambiús. Então pra agradecer ela enfiou três lambarizinhos na boca dele e rindo muito fastou o joelho depressa. O busto do rapaz não teve apoio mais e ele no sufragante focinhou n'água até o fundo, a moça inda forçando o pescoço dele com os pés. Ele ia escorregando sem perceber de tanta graça que achava na vida. Ia escorregando e afinal a canoa virou. Pois deixai ela virar! A moça levou um tombo engraçado por cima do rapaz e ele enrolou-se nela talqualmente um apuizeiro carinhoso. Todos os tambiús fugiram enquanto os dois brincavam n'água outra vez.

(Mário de Andrade, Macunaíma. O herói sem nenhum caráter)

## Texto II

De outras e muitas grandezas vos poderíamos ilustrar, senhoras Amazonas, não fora persignar demasiado esta epístola; todavia, com afirmar-vos que esta é, por sem dúvida, a mais bela cidade terráquea, muito hemos feito em favor destes homens de prol. Mas cair-nos-iam as faces, si ocultáramos no silêncio, uma curiosidade original deste povo. Ora sabereis que a sua riqueza de expressão intelectual é tão prodigiosa, que falam numa língua e escrevem noutra. Assim chegado a estas plagas hospitalares, nos demos ao trabalho de bem nos inteirmos da etnologia da terra, e dentre muita surpresa e assombro que se nos deparou, por certo não foi das menores tal originalidade lingüística. Nas conversas utilizam-se os paulistanos dum linguajar bárbaro e multifário, crasso de feição e impuro na vernaculidade, mas que não deixa de ter o seu sabor e força nas apóstrofes, e também nas vozes do brincar. Destas e daquelas nos inteirmos, solícito; e nos será grata empresa vo-las ensinarmos aí chegado. Mas si de tal desprezível língua se utilizam na conversação os naturais desta terra, logo que tomam da pena, se despojam de tanta asperidade, e surge o Homem Latino, de Lineu, exprimindo-se numa outra linguagem, mui próxima da vergiliana, no dizer dum panegirista, meigo idioma, que, com imperecível galhardia, se intitula: língua de Camões! De tal originalidade e riqueza vos há-de ser grato ter ciência, e mais ainda vos espantareis com saberdes, que à grande e quase total maioria, nem essas duas línguas bastam, senão que se enriquecem do mais lídimo italiano, por mais musical e gracioso, e que por todos os recantos da urbs é versado.

(Mário de Andrade, Macunaíma. O herói sem nenhum caráter)

Assinale a alternativa que transcreve e converte, correta e respectivamente, a frase do registro coloquial da

linguagem, extraída do Texto I, em seu correspondente na modalidade culta.

- a) *“Pois deixai ela virar” / “Pois deixa-a virar”.*
- b) *“Ele deitara de bruços na água” / “Ele tinha deitado de bruços na água”.*
- c) *“Depois dela passar” / “Depois de ela passar”.*
- d) *“ele enrolou-se nela talqualmente um apuizeiro carinhoso” / “ele enrolou-se nela mesmo sendo um apuizeiro carinhoso”.*
- e) *“la escorregando e afinal a canoa virou” / “la escorregando e até que enfim a canoa virou”.*

### 106) (UFCE-1996) UM CÃO, APENAS

01 Subidos, de ânimo leve e descansado passo, os quarenta degraus do jardim - plantas em flor de cada lado; borboletas incertas; salpicos de luz no granito -, eis-me no patamar. E a meus pés, no áspero capacho de coco, à frescura da cal do pórtico, um cãozinho triste interrompe o seu sono, levanta a cabeça e fita-me. É um triste cãozinho doente, com todo o corpo ferido; gastas, as mechas brancas do pêlo; o olhar dorido e profundo, com esse lustro de lágrima que há nos olhos das pessoas muito idosas. Com um grande esforço acaba de levantar-se. Eu não lhe digo nada; não faço nenhum gesto. Envergonha-me haver interrompido o seu sono. Se ele estava feliz ali, eu não devia ter chegado. Já que lhe faltavam tantas coisas, que ao menos dormisse: também os animais devem esquecer, enquanto dormem...

02 Ele, porém, levantava-se e olhava-me. Levantava-se com a dificuldade dos enfermos graves: acomodando as patas da frente, o resto do corpo, sempre com os olhos em mim, como à espera de uma palavra ou de um gesto. Mas eu não o queria vexar nem oprimir. Gostaria de ocupar-me dele: chamar alguém, pedir-lhe que o examinasse, que receitasse, encaminhá-lo para um tratamento... Mas tudo é longe, meu Deus, tudo é tão longe. E era preciso passar. E ele estava na minha frente inábil, como envergonhado de se achar tão sujo e doente, com o envelhecido olhar numa espécie de súplica.

03 Até o fim da vida guardarei seu olhar no meu coração. Até o fim da vida sentirei esta humana infelicidade de nem sempre poder socorrer, neste complexo mundo dos homens.

04 Então, o triste cãozinho reuniu todas as suas forças, atravessou o patamar, sem nenhuma dúvida sobre o caminho, como se fosse um visitante habitual, e começou a descer as escadas e as suas rampas, com as plantas em flor de cada lado, as borboletas incertas, salpicos de luz no granito, até o limiar da entrada. Passou por entre as grades do portão, prosseguiu para o lado esquerdo, desapareceu.

05 Ele ia descendo como um velhinho andrajoso, esfarrapado, de cabeça baixa, sem firmeza e sem destino. Era, no entanto, uma forma de vida. Uma criatura deste mundo de criaturas inumeráveis. Esteve ao meu alcance;

talvez tivesse fome e sede; e eu nada fiz por ele; amei-o, apenas, com uma caridade inútil, sem qualquer expressão concreta. Deixei-o partir, assim humilhado, e tão digno, no entanto, como alguém que respeitosamente pede desculpas de ter ocupado um lugar que não era seu.

06 Depois pensei que nós todos somos, um dia, esse cãozinho triste, à sombra de uma porta. E há o dono da casa, e a escada que descemos, e a dignidade final da solidão.

(MEIRELES, Cecília. ILUSÕES DO MUNDO: CRÔNICAS. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p. 16-17)

As preposições podem estabelecer várias relações de sentido. Com base nesta afirmação, resolva os quesitos a e b.

a) Complete as frases com a preposição adequada às idéias indicadas entre parênteses.

Ele desceu as escadas \_\_\_\_\_ a rua. (DESTINO)

Ele desceu as escadas \_\_\_\_\_ tristeza.

(MODO)

Ele desceu as escadas \_\_\_\_\_ hesitação. (FALTA)

Ele desceu as escadas \_\_\_\_\_ mármore. (MATÉRIA)

Ele desceu as escadas \_\_\_\_\_ minha vontade. (OPosição)

b) Escreva ao lado de cada frase a idéia indicada pela preposição em maiúsculo.

"... borboletas incertas, salpicos DE luz ..." (parágrafo 01)

"Passou POR entre as grades do portão..." (parágrafo 04)

"... prosseguiu PARA o lado esquerdo... desapareceu." (parágrafo 04)

"Ele ia descendo... SEM firmeza e SEM destino." (parágrafo 05)

"... pede desculpas DE ter ocupado um lugar que não era seu." (parágrafo 05)



## GABARITO

1) Alternativa: A

2) Alternativa: E

3) Alternativa: A

4) Alternativa: E

5) A expressão “de cansada” indica circunstância de causa, justificada no texto pelo fato de ela ter tentado de várias maneiras conquistar Aoitin, sem sucesso.

6) a) Que os homens mentem.

b) A palavra seria “homemente” ou “homemmente”. Seria um advérbio que significaria aquilo feito da maneira típica dos homens.

c) Que o modo de agir típico dos homens é com mentiras.

7) Alternativa: D

8) No primeiro parágrafo, o emprego de pronomes é outra forma de estabelecer a coesão textual. Quando usados, evitam repetições: que, pronome relativo, substitui: “velhinha”; ela, pronome pessoal, também; tudo, pronome indefinido, substitui “o pessoal da Alfândega”.

No terceiro parágrafo, o advérbio aí está empregado em sentido próprio, indicando lugar (próximo à segunda pessoa); no sexto parágrafo, o mesmo advérbio indica tempo (“neste momento”).

9) Alternativa: A

10) Alternativa: C

11) Alternativa: D

12) Alternativa: E

13) Alternativa: D

14) *Donde* é a contração de *de* e *onde*. Significa **de** algum lugar. Um exemplo de uso é:  
Donde você vem?

*Aonde* é a contração de *a* e *onde*. Significa **a** algum lugar. Um exemplo de uso é:  
Aonde você vai?

*Onde* significa **em** algum lugar. Um exemplo de uso é:  
Onde você mora?

15) ... por sua vez, e

**simultaneamente/concomitantemente**, senhores e servos

16) a) A ironia está ancorada nas palavras “esquerda” e “direita”.

b) A palavra “esquerda”, no discurso político, adquire sentido por oposição à chamada “direita”. Nesse contexto os partidos de “esquerda” representariam, *grosso modo*, uma ênfase maior nas questões sociais, e os de “direita”, nas questões econômicas. No jogo polissêmico, a palavra “direita” manifesta outro sentido, referindo-se àquilo que é correto, digno, honesto, etc. Além desses sentidos, as palavras podem ser interpretadas como referências espaciais, indicativas de duas posições laterais opostas: a “esquerda” e a “direita”.

c) A palavra “nem” serve para negar excluindo algo, estabelecendo o pressuposto de que a negação não era esperada, contrariando a expectativa em relação ao que foi excluído. Na afirmação “No Brasil nem a esquerda é direita”, estabelece o pressuposto de que no Brasil ninguém age corretamente, mas o esperado seria que a esquerda o fizesse. Substituindo-se a palavra “nem” pela palavra “não”, perde-se esse pressuposto: o “não” apenas serve para negar, sem estabelecer qualquer pressuposto.

17) Alternativa: D

18) Alternativa: D

19) Alternativa: A

20) Alternativa: A

21) onde mais densa  
A noite infinita  
Verde a sombra imensa

22) Alternativa: D

23) Alternativa: B

24) Alternativa: A

25) Alternativa: C

26) Alternativa: D

27) Não, uma vez que o *já* está sendo utilizado de forma enfática.

28) a) Sufixação - acrescentando o sufixo - mente aos adjetivos escolhidos



b) Todos os sentimentos estão elevados a um grau extremo, seja no sofrimento, no amor, na crítica ...

29) Alternativa: D

30) a) Sim. Mas e contudo são conjunções coordenativas adversativas, cuja função é estabelecer relação de oposição ao que está sendo dito antes.

b) “Não precisamos olhar para o espelho nem para nenhum relógio, **pois** o tempo está em nosso coração, e ouve-se...”

31) Alternativa: E

32) Alternativa: A

33) Alternativa: B

34) 1. - contraste

O rio Tietê continua sujo mas não falta água em S. Paulo.

Embora não falte água em S. Paulo, o rio Tietê sujo

2. condicionalidade :

Se o rio Tietê continuar sujo faltará água em SP

Faltará água em SP a não ser que limpem o rio Tietê

3. finalidade:

Para que não falte água em SP é preciso limpar o rio Tietê

É preciso limpar o rio Tietê a fim de que não falte água em SP

35) Alternativa: A

36) Alternativa: B

37) Alternativa: A

38) Alternativa: E

39) Alternativa: C

40) a) A palavra “ora” empregada no texto funciona como conjunção coordenativa alternativa; já “hora” é um substantivo cuja referência é um segmento de tempo, equivalente a 60 minutos.

b) No último parágrafo é também empregada uma conjunção coordenativa alternativa: “Ou porque a sua dor era tão grande... , ou porque, selvagem mesmo, ela já tinha compreendido...”

41) Alternativa: B

42) Alternativa: A

43) Alternativa: C

44) Alternativa: A

45) Alternativa: C

46) a) Há várias possibilidades. Entre elas: Ao se discutirem as idéias expostas na assembléia, chegou-se à seguinte conclusão: pô-**las** em confronto com outras menos polêmicas seria avaliar-**lhes** melhor o peso, à luz do princípio geral que **as** vem regendo.

-Ao se discutirem as idéias expostas na assembléia, chegou-se à seguinte conclusão: pô-**las** em confronto com outras menos polêmicas seria avaliar melhor o **seu** peso, à luz do princípio geral que vem regendo-**as**.

- Ao se discutirem as idéias expostas na assembléia, chegou-se à seguinte conclusão: pô-**las** em confronto com outras menos polêmicas seria avaliar melhor o peso **delas**, à luz do princípio geral que vem regendo **a elas**.

É evidente que também seriam possíveis combinações das formas acima.

b) Há várias formas, entre elas:

**Quando** se discutiram as idéias expostas na assembléia,...

**Assim** que se discutiram as idéias expostas na assembléia,...

**Logo** que se discutiram as idéias expostas na assembléia,...

47) Alternativa: D

48) Alternativa: B

49) Alternativa: B

50) Alternativa: D

51) Alternativa: B

52) Alternativa: E

53) Alternativa: E

54) Alternativa: C

55) Alternativa: D

Trata-se de questão mal formulada. Indiscutivelmente, a primeira oração estabelece relação de adição, mas a segunda tem valor explicativo e não causal.

56) a) Período 2: [...] caso o crime ou a falta tenha sido cometida por pessoas diferencialmente situadas na escala social.

b) Exemplos de respostas possíveis:

☒ O deputado que na semana passada tinha alegado imunidade parlamentar foi preso.

☑ O deputado que tinha alegado imunidade parlamentar foi preso na semana passada.

57) Alternativa: D

58) Alternativa: B

59) Alternativa: C

60) Se era prolixo, facilmente ultrapassaria a hora. Se a notícia pretende dizer que ele passou do tempo, deveria ser composta assim: “ Como era prolixo, o orador ultrapassou o tempo previsto.” Ou

Porque era...

Por ser ...

61) Alternativa: D

62) Alternativa: B

63) Alternativa: B

64) a) Para desespero meu, havia leitura obrigatória de livro indicado, (poderia ser usado ;) porém ocorreu uma surpresa: era tão bom aquele livro que não senti nenhum aborrecimento na leitura.

Obs: haveria outras possibilidades, principalmente caso invertesse a ordem.

b) A obrigação de ler um livro, como toda obrigação, indis põe-nos contra a tarefa imposta, mas pode ocorrer, se encontrarmos prazer nessa leitura, que o peso da obrigação desapareça.

65) a) I - ... caso o produto não seja corretamente utilizado.

II - ... se ele contiver menos de 60% de seu conteúdo.

b) “As despesas de transporte ou quaisquer ônus **decorrentes** do envio do produto para troca **correm** por conta do usuário.”

66) Mas está sendo usado para estabelecer uma relação de adição enfática. Note que no texto está subentendida a palavra também: Camilo, não só o estava, mas (também) via-a estremecer....

67) A conjunção MAS, vem apresentar que apesar da aparência de velho, o homem guardava em si o vigor da mocidade, e na seqüência, a conjunção E acrescenta o detalhe dos olhos que, por sua vivacidade, tornam a idade do homem absolutamente indevassável.

68) a) "Não se conseguiu apurar o motivo por que a atriz se divorciou."

Porque - no sentido de por qual razão ou motivo, grafase separado, pois o que é pronome relativo

b) "O milionário despendeu milhares de dólares com aquela propaganda."

Despender - verbo que significa perder, gastar, consumir

69) Alternativa: E

70) Alternativa: D

71) Tipo de relação: conclusão.

Duas dentre as conjunções:

- logo
- então
- portanto

72) Alternativa: B

73) Alternativa: A

74) Alternativa: D

75) Alternativa: A

#### PERCENTUAIS DE RESPOSTA NO EXAME

A	B	C	D	E
12	46	19	14	9

Esta questão apresenta, para leitura e análise, o poema “O mundo é grande”, onde os recursos lingüísticos expressivos utilizados geram um efeito de oposição entre as idéias.

A análise sintático-semântica é necessária para a compreensão do valor de oposição assumido pela conjunção “e”: imagens justapostas estão relacionadas, contrapondo-se em planos diferentes. Um percentual significativo (46%) de participantes considerou que o valor da conjunção “e”, nesse poema, é de comparação, o que não reflete o sentido estilístico proposto pelo poeta, mas corresponde apenas à primeira operação que se realiza para estabelecer o sentido de oposição. De maneira análoga, pode-se analisar os equívocos daqueles que optaram pelas alternativas C e D.

Fonte: relatório pedagógico ENEM 2001

76) Alternativa: C

77) Alternativa: D

78) A palavra “mesmo” tem valor concessivo, significando “apesar de, embora, ainda que”.

79) Alternativa: A

80) Alternativa: A

81) Alternativa: D

82) Alternativa: C

83) A frase está apenas aparentemente solta. Na verdade ela adiciona um outro complemento ao verbo *ter*, da oração anterior, ou seja, a galinha tinha liberdade e milho. Vale salientar, ainda, que milho, neste contexto, deve ser interpretado como metonímia de alimento.

84) Alternativa: D

85) Alternativa: B

86) Alternativa: A

87) Alternativa: B

88)

89) a) “numa boa”

b) Enviados a um computador, esses sinais permitiram a ele controlar um cursor em uma tela, abrir e-mails, jogar videogame e comandar um braço robótico.

c) Embora tenhamos inventado a maravilha do automóvel, aumentamos o tempo perdido para ir de casa ao trabalho.

90) A conjunção *mas* desempenha o papel de realçar o conteúdo da segunda oração, que constitui o elemento central na argumentação.

91) Alternativa: D

92) Alternativa: A

93) Alternativa: B

94) Alternativa: A

95) Alternativa: A

96) Alternativa: B

97) Alternativa: E

98) a) “Esta é uma tarefa para eu fazer sozinho, não admito que se repartam as responsabilidades entre mim e outra pessoa”.

Eu fazer - sujeito de verbo tem que ser pronomes do caso reto

Se repartam - passiva sintética, o sujeito é responsabilidades

Entre mim e outra - com preposição entre usa-se a forma oblíqua do pronome eu

b) “Ele tomou as decisões mais oportunas.”

Redundância na repetição do objeto direto.

99) A única passagem que admitiria a inclusão de uma combinação de preposição e artigo seria: “sobretudo cor de chumbo”. Assim, teríamos: sobretudo **da** cor de chumbo. A inclusão da preposição “de” e do artigo definido “a” explicitaria uma combinação que vem implícita.

100) Alternativa: E

101) “Era no tempo **em** que ainda os portugueses não haviam sido por uma tempestade empurrados para a terra de Santa Cruz.”

102) Alternativa: A

103) Alternativa: C

104) Alternativa: B

105) Alternativa: C

106) Resposta:

a) para  
com  
sem  
de  
contra

b) mat<sub>驛</sub>ia  
lugar  
dire<sub>銀</sub>o  
falta  
motivo